Vida Mundial Ilustrada

ANO I — N.º 1 — 22 DE MAIO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O Chefe do Estado presidiu à cerimónia comemorativa do 80.º aniversário da Sociedade Histórica da Independência de Portugal — realizada no velho Palácio Almada, hoje denominado da Restauração. Na foto, vê-se o sr. general Carmona com o sr. coronel Linhares de Lima, presidente daquela patriótica agremiação.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES	LUIZ TEIXEIRA	JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES	ASSIS ESPERANÇA	CRISTIANO LIMA
FERREIRA DE CASTRO	DR. SOUSA COSTA	ALICE OGANDO
PROF. DR. HERNANI CIDADE	ROBERTO NOBRE	JOSÉ LOUREIRO BOTAS
GENERAL FERREIRA MARTINS	LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS	EDGARD MARQUES
DR. LOPES DE OLIVEIRA	DR. CAMPOS PEREIRA	ETC.

NA HORA PRÓPRIA...

MAIS um jornal — dirá, cèpticamente, o leitor, ao ver aparecer êste 1.º número de «Vida Mundial Ilustrada». Assim é, com efeito.

Mas se, em qualquer outra ocasião ou em qualquer outra circunstância, o aparecimento de um novo jornal constitue, ou deve constituir, pelo menos, motivo de satisfação para o público — pelo que isso pode significar como índice de progresso e de cultura para um país — o surgimento de um jornal como êste deve ser acolhido com maior contentamento ainda pela necessidade imperiosa que representa para o meio português nesta hora dramática que todos nós estamos vivendo. Somos, inflexìvelmente, portugueses. Mas agora que o mundo está sofrendo uma profunda transformação política e social, em que o desvario e a ambição dos homens argamassam em sangue uma humanidade nova, cujos contornos e cujas directrizes o curso dos acontecimentos mal deixa perceber, todos nós temos que acompanhar e sentir de perto tôda a evolução dessa tragédia.

Nada, portanto, nos pode ser indiferente. Poupados ao incêndio que alastra já pelos dois hemisférios, nuns pontos em chamas pavorosas e noutros, até agora, apenas em faúlhas inquietantes — e poupados, manda a verdade que se diga, mercê especialmente de uma política sábia de govêrno e, também, da defesa natural de uma posição geográfica excepcional — nós, portugueses mais que tudo, mas também homens de coração e de inteligência, não podemos alhear-nos egoìstamente das dôres que sofrem outros povos e dos cataclismos que destroem outras civilizações.

De aí, a necessidade de um jornal como êste nesta hora histórica para a humanidade inteira. O público português precisava de um jornal como «Vida Mundial Ilustrada» pretende ser — um documento vivo do que vai pelo mundo, um documento em que fiquem fixados para a história todos os grandes acontecimentos que nestes dias trágicos se desenrolam nos vários continentes. Um jornal que, pela ilustração, esclareça e informe e oriente o público — com êsse poder de verdade que mais do que a palavra falada ou escrita, a imagem traduz — sôbre os rumos que o mundo está seguindo. Um jornal, além disso, que constitua um documento da literatura e do jornalismo de um país que, no meio da tragédia de um mundo em desvario, está operando com decisão, com coragem e com fé, a sua própria obra de profunda reconstrução nacional.

Êste, o nosso objectivo essencial. Esta, a justificação, que nos parece ajustada, do aparecimento de «Vida Mundial Ilustrada». Um novo jornal? Sim, com efeito. Mas mais do que um jornal novo, sem a pretensão estulta de ser melhor do que qualquer outro — um jornal diferente, um jornal independente, um jornal que se torna necessário e que surge na hora própria.

Só resta, para que possa triunfar — que o público nos compreenda e nos ajude.

Se assim vier a suceder — poderemos ter então a orgulhosa certeza de ter prestado, na singeleza de uma obra sincera e honesta — mais um serviço ao país.

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.
Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.
Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand, (Irmãos), L.da — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

UMA PÁGINA LITERÁRIA DE RAMADA CURTO

O melro e a primavera

(Do «Diário de José Maria»)

FOI hoje o primeiro dia de franca Primavera depois dêste inverno severo e triste. Senti-o, logo que a luz matinal entrou no meu quarto pelas frinchas da janela. E senti-o também pelos ruídos que vinham da rua. Porque são diferentes êsses ruídos conforme o tempo que faz. Nas manhãs enevoadas e frias de inverno, com o céu carrancudo, coberto de nuvens escuras, ameaçando chuva, os sons que vêm de fora são abafados, soturnos, como que empapados de neblina e de humidade.

Ao contrário, nas manhãs cheias de luz como a de hoje, de céus lavados, dum azul muito puro, são alegres, vitoriosos, vibram no ar, parece que sobem mais alto.

As vozes dos pregões são mais claras. Pelas buzinas dos carros, sente-se que na rua há movimento. Há sempre alguém que ri, vozes que chamam, um garoto que passa assobiando um modilho popular em voga.

Aqui na vizinhança, num terceiro andar dum prédio fronteiro, há um melro dentro duma gaiola de cana.

Nos dias de inverno os donos levam-no para o interior da casa. Mas, durante a primavera e o verão, põem-no à janela.

Pois hoje, logo de manhã, ouvi-o cantar, assobiar o seu canto modulado sôbre três notas agudas, repetidas, como que interrogativas, que me pareceu uma saùdação à luz, ao céu azul, ao hálito fresco e alegre do dia que clareava.

E fêz-me pena o pobre pássaro, coitado!

Há cêrca de dois anos que êle está ali na sua gaiola de cana. Eu não sei quanto tempo vivem os melros, mas dois anos, acho que será muito tempo para um pássaro. Vejo-o, aos saltos, dum extremo a outro da sua prisão, pulando de poleiro para poleiro, num frenesi, horas seguidas, muito negro, com o seu bico muito amarelo. O seu assobio é tão estridente, enche tanto a rua, que há gente que levanta a cabeça para o terceiro andar e sorri a ouvi-lo.

Mas eu, não sei porquê, ponho-me a pensar que aquêle canto, aquela contínua agitação, disfarçam uma súplica ansiosa e insistente de liberdade.

«— Porque me têm prêso aqui, sòzinho nesta gaiola, há tanto tempo. O céu é lindo, abrazado de luz. O ar é fresco. Que mal fiz eu? Deixem-me ir para onde estão os outros melros, para as árvores, para o espaço infinito, para a liberdade.»

É isto que me diz o assobio do melro.

Sou um velho e impenitente romântico.

Se eu chego a ter, às vezes, mais pena dos bichos que dos homens! É uma pièguice, uma inversão de sensibilidade, mas é assim mesmo. Tenho procurado explicar-me a mim próprio a razão do facto e cheguei a uma conclusão.

Penso assim porque, no fundo da minha inteligência, há resíduos duma concepção teológica do mundo. Penso que os homens têm uma alma imortal e os bichos a não têm. E o sofrimento dos homens nêste mundo deve ligar-se a qualquer sistema de compensações e castigos.

Agora os bichos não têm nada disso.

A sua «chance» única foi aparecer no mundo. E êles também sofrem.

O fundo dos seus sentimentos é o mesmo que o nosso: o amor, o ódio, a alegria e a tristeza. — É uma grande injustiça o destino daquele melro solitário, vivendo e morrendo na sua prisão.

Porque não descobriram os teólogos um céu para os melros que passam a vida presos e a cantar, sem que ninguém lhes responda? E para todos os animais que penam e sofrem; o boi que acaba no matadouro; o cavalo que o homem leva às batalhas para que êle morra despedaçado e esvaindo-se em sangue; o cão esquartejado nos laboratórios, a frio, ganindo e uivando, no paroxismo da dor?

Abro a janela de par em par e entra-me pelo quarto dentro a Primavera, na luz, no céu azul, no ar que rescende ao seu hálito fresco e perfumado. O sol brinca nas fôlhas das árvores que um sopro de brisa agita.

O espectáculo do rio, muito calmo, dum azul delido, é para os meus olhos como uma carícia. Oiço a distância o ruído da cidade, fusão de muitos ruídos diversos, numa espécie de vaga exclamação que se prolonga, como se fôra a voz da terra satisfeita pela beleza do dia.

Só o canto do melro me entristece, a-pesar-de tão alegre, tão vivo, quási irónico. Dá-me vontade de atravessar a rua, subir a escada até ao terceiro andar e ir pedir aos donos que soltem o pobre pássaro, que o deixem voar... Eu sei quem ali mora. É o dono do talho, que fica por baixo, na loja. É um homem muito forte, muito corado, que eu vejo sempre à porta, de brandes braços cheios de cabelos, o avental branco manchado de sangue, esticado pela enorme barriga. Se eu lá fôsse ria-se do pedido, julgando-me doido, ou tratava-me mal.

Volto a olhar o rio, os montes da Outra-Banda.

O vapor de Cacilhas vai agora a meio do trajecto das margens, deixando uma esteira de espuma muito branca. Veio-me a ideia de me estender nêsse rasto, de olhos fechados, vendo a luz côr de rosa coada pelas pálpebras e adivinhando em tôrno de mim, o vôo caprichoso e branco das gaivotas...

Como as estações passam depressa na minha idade! Parece que ainda há dias que começou o inverno e já agora as duas árvores do meu pequeno quintal estão outra vez cheias de fôlhas! E que linda que está a maior das duas, tôda vestida de verde claro, tôda cheia de cachos de flores amarelas que cheiram bem!

Fui eu que a plantei, há uns bons trinta anos. Via-a crescer. Fui eu que tratei dela em pequena, mondando-lhe a «caldeira» das ervas que a podiam prejudicar, regando-a tôdas as tardes. Hoje encosto-me ao seu tronco e a sua copa cobre-me do sol ardente do verão. Ela cresceu e eu mingüei! Se as árvores perceberão as coisas e se esta perceberá que eu envelheci? Cada ano que passa traz-me mais uma ruga, mais um cabelo branco, mais um cansaço. No outono, quando as suas fôlhas começam a amarelecer e a cair, e o vento faz redemoinhar as que caíram, sêcas e mirradas, no chão, eu surpreendo-me a dizer à árvore: «Deixa lá, tem esperança; êstes mêses depressa passam; verás como ficas de novo remoçada e garrida nos primeiros dias de Abril».

Eu não sei se a árvore me entende, mas se assim fôr e se ela espera vêr em mim uma ressurreição igual à sua, deve estar bem desiludida. Está ela e estou eu. Mas como não sou invejoso, alegra-me todos os anos vê-la assim como está agora. Mas também lhe há-de chegar a sua vez, quando eu já não fôr nada, porque não deixa ninguém que me recorde, não sobrevivo em nenhuma memória e passei na vida sem deixar rasto.

Esta ideia não me apavora. É natural que todos os homens aspirem à imortalidade. Eu, por mim, não estou bem certo nem duma coisa **nem doutra**.

Gostava de tornar a vêr aqueles que amei e que perdi. Gostava muito. E no fundo estou agradecido aos que me têm dado essa esperança; os poetas, os filósofos, os fabricantes de revelações consoladoras, elevando-me à dignidade de ser eterno. Como ninguém inventou nada de semelhante para os bichos, é por isso que eu continuo a lamentar a sorte do melro engaiolado, que assobia cada vez mais alto, extasiado de luz, ansioso de movimento, na sua prisão estreita, vendo através das grades o mundo imenso, o espaço ilimitado. Perdeu a sua «chance», a sua única oportunidade, a pobre ave! E porque razão eu não a teria perdido também? Ou então porque motivo êste passarôlo negro, prêso tôda a vida, não ressuscitará também na consumação dos séculos, num corpo glorioso, como a revelação garante que sucede aos homens? Se o Universo tiver um sentido, êsse sentido será imoral e iníquo se os pobres animais que sofreram em vida, forem excluídos da justiça que recompensa.

(Conclue na página 18)

SE A Inglaterra FÔR invadida

A GUARDA NACIONAL DEFENDERÁ A ILHA. Para isso, os homens da «Home Guard» (exército metropolitano) estão, há muito tempo, treinados e exercitados nas mais variadas manobras.

A INFANTARIA AVANÇA, de rastos, atrás dos «tanks». Trata-se duma fase dos exercícios do Comando do Exército de nordeste, recentemente realizados na Grã-Bretanha.

CONTRA OS ATAQUES AÉREOS e o lançamento de paraquedistas, estão instalados em vários pontos do país postos de observação e defesa. Aparelhos da R. A. F. colaboram na regulação do tiro.

TROPAS MOTORIZADAS manejam armas especiais, espingardas metralhadoras do último modêlo. Estas tropas deslocam-se ràpidamente em motocicletas e carros blindados e constituem um dos mais eficazes meios de defesa do território inglês contra os eventuais ataques terrestres do inimigo.

ENQUANTO A INGLATERRA ESPERA A INVASÃO, as tropas britânicas de engenharia fazem exercícios de transporte de tropas em pontes improvisadas, destinadas a ser utilizadas em território inimigo. As pontes podem ser lançadas numa grande extensão e dão vasão a grande número de soldados de infantaria, permitindo, também o transporte de armamento.

FÁTIMA

pela paz do mundo e de Portugal

A PATRIA FOI, MAIS UMA VEZ, EM ROMAGEM VOTIVA A FÁTIMA. Êste ano havia talvez mais gente que nunca. E não admira. Cobre o Mundo negro manto de paixões, de incertezas e dor que mais faz afervorar os sentimentos de Fé da Cristandade. E há que dar graças pela paz mantida na nossa casa e pedir clemência para os horrores que cobrem de luto os outros. A fé e o entusiasmo foram os mesmos dos anos passados. E a prece que aflorou aos lábios não variou também: Que Nossa Senhora dê saúde e sorte aos que vivem e trabalham, que santifique a dor dos que sofrem, que abençôe a terra portuguesa para que ela floresça e frutifique — e seja cada vez mais tranqüila, mais bela e mais feliz!

TODO O SANTO DIA CHEGARAM PEREGRINOS DE TERRAS AFASTADAS. Calcurriando léguas e léguas na estrada poeirenta, amontoados em camionetas e combóios, milhares, muitos milhares de pessoas foram tributar suas homenagens à Virgem, num espectáculo que maravilhou e perturbou os corações. E todos se acoitaram como lhes era possivel, insensiveis ao Sol a pino que queimava ou ao frio da noite. Esperaram a missa de alva deitados no chão, estendidos sôbre a terra dura, envolvidos em cobertores e mantas. Alguns mantiveram permanente vigilia com uma oração na bôca e uma dilatada fé no coração. Da madrugada, a Cava da Iria estava pejada de homens, de mulheres, de crianças — que esperavam o dia da Aparição.

ROMPEU A MANHÃ. ENCHE-SE DE GENTE O MONTE. Pela noite fora, vieram ainda mais peregrinos: peitos fortes a alimentarem-se de novos estimulos para vencer; e enfermos estendidos em filas intermináveis de macas, em busca do milagre que fizesse parar seu sofrimento. E o mesmo cântico subiu no ar a contagiar tudo e todos. Anos e anos são passados sobre a singela aparição aos pastorinhos. Anos e anos volvidos, a fé não minguou e êste ano, como nos anteriores, teve um encanto novo a visita ao majestoso monte, onde se cultua Nossa Senhora do Rosário — padroeira dum povo e dum Império. — Ela que «tantas vezes salvou Portugal». E foram milhares e milhares de bocas a gritar, milhares e milhares de lenços brancos agitados por mãos febris. É um conjunto impressionante êsse dos rostos desfigurados pela alegria e pela confiança que dá a Fé, pela comoção que faz chorar e pelo sofrimento que encerra tôda uma vida postas aos pés da Virgem, entre uma esperança firme e uma abdicação completa — para tôda a Vida.

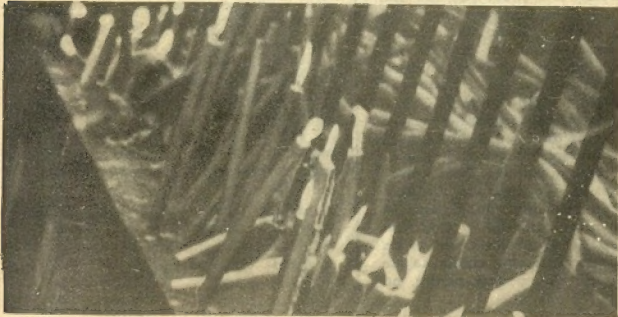
CUMPREM-SE, COM ESFORÇO, PROMESSAS À SENHORA. Mas o esfôrço não custa a suportar e a caminhada não dói porque Ela ajudou a vencer e é preciso agradecer-lhe. Quantas tragédias brotam, terriveis, alucinantes, durante a bênção aos enfermos! Quem percorre o lugar dos doentes sente bem como é bela a fé, como é feliz o que a possui e como tudo é singelo, afinal, no complexo gigantêsco de sentimentos que abrasam seu corpo em ruina — e seu coração em aleluia. Sobe-se de joelhos — e é como se o coração ajoelhasse também para aclamar um nome que incendeia o fogo sagrado da alma.

DE OLHOS POSTOS NO SACERDOTE DA IGREJA *que desceu as escadas do santuário para lhes trazer, na comunhão, o lenitivo a seus males, os enfêrmos de corpo e alma sentem uma alegria especial. O deslumbramento dos seus rostos, incendiados pela comoção perante a hóstia consagrada, é visão que não esquece.*

Novos cadêtes da M.P.

O SR. PROF. DR. MARCELO CAETANO, Comissário Geral da «Mocidade Portuguesa» presidiu há dias a uma festa de alto significado daquela patriótica instituição. Em baixo: Um aspecto da missa campal que, na ocasião, se efectuou no antigo Parque das Laranjeiras, onde se fêz a concentração dos filiados da M. P. e onde se procedeu à distribuïção das insígnias aos novos cadetes.

TÔDAS AS ALDEIAS ESTIVERAM REPRESENTADAS *na grande festa de confraternização dos católicos portugueses. A terra, encharcada de luz que ondula e serpenteia, fica a viver do clarão da fé dessa gente. Não se lobrigam as estrêlas do céu, nem as tristezas da terra. Tudo e todos vivem a alegria das luzes.*

ANTES DE PARTIR, COMPRAM-SE SANTINHOS, *bentos e rosários, recordações da maior festa católica de Portugal. — Fátima de 1941, Fátima de sempre.*

E AS VELAS FICAM A TREMULAR *até se estinguir a sua luz e se consumir a cêra tôda, posta ali por mãos carinhosas de mulheres que voltam agora com a sua fé vivificada. E o nome da Virgem ganhou novos louvores e nova auréola nos corações portugueses.* — (Fotografias feitas com material «Ferrânia»).

calçada da glória...

A vida é uma calçada. No terminus dessa calçada está, como diria Monsieur de la Police, o fim, não obstante todos suporem, mesmo os vaidosos da sua modéstia, que êsse fim é simplesmente a Glória. Engano. E, entretanto, nem por isso ou, talvez por isso mesmo, a vida deixa de ser exactamente isso: a Calçada da Glória. *Não conhecemos, na verdade, expressão mais larga e, ao mesmo tempo, mais justa. Não constitui apenas um nome: constitui um simbolo. Dificil descobrir melhor título para um volume de psicologia social. Pois bem. Uma janela se abre agora sôbre essa calçada ingreme onde, aqui e além, as rosas abrem — para esconder os espinhos. Neste momento, debruçados nessa janela, vemos a multidão passar, vermelha, ofegante, a caminho da sua efémera miragem. Há de tudo: de tôdas as classes, de tôdas as profissões, de tôdas as nacionalidades, de tôdas as épocas. O mesmo clarão ilumina todos os olhos: o triunfo; a mesma ansia domina tôdas as almas: subir. No fundo, todos passam — mas, desde agora, não esquecerão mais. A História, a mais querida e a mais indiscreta de tôdas as mulheres, permitiu-se instalar nesta janela que se abriu, o seu «Kodak» flagrante. Já não importa, caros senhores, que cada um de vós desapareça ao alto, ou, mais perto, na primeira curva da calçada: uma imagem vossa ficará — um traço, um perfil, um instantâneo enfim — a atestar, na transitória permanência dos séculos, a vossa Imortalidade...*

Um favor apenas, imortais amigos: se o «cliché» ficar tremido não nos quebrem os vidros da janela, atirando-nos com as pedras — com que se hão-de construir os vossos próprios monumentos...

OPINIÕES

QUANDO recentemente se festejou no Avenida a 15.ª representação de *O Tio Rico*, em récita dedicada a Ramada Curto, o palco encheu-se de inumeras pessoas que queriam cumprimentar o festejado dramaturgo. No intervalo do 1.º para o 2.º acto, entre as pessoas que apareceram, surgiu o dr. Germano Martins, ex-ministro, ex-deputado, ex-director geral, mas sempre bom sorriso sôbre a barbicha branca. Dirigiu-se a Ramada:

— Meu querido Ramada...

— Meu querido Germano...

E abraçaram-se. Logo alguém comentou do lado:

— Não sabia que o Ramada era germanófilo!

POETAS

MÁRIO Beirão, o ilustre poeta astrólogo das *Novas Estrêlas*, mereceu com êste livro, aliás com plena justiça, o prémio «Ricardo Malheiros» da Academia das Ciências: nada mais nada menos do que cinco contos. Na tarde em que lhe foi entregue o prémio, o poeta, coroado de loiros e de escudos, entrou na *Brasileira* do Chiado para tomar a sua habitual chícara de café. Abraços. Apertos de mão. Felicitações. Os próprios creados o saudaram, com júbilo. À saida, Mário Beirão, sensivel como todos os liricos, pagou os oito tostões do café e deixou os os cinco contos — de gorgeta...

Pródiga glória, a dos poetas!

ROSA DE TODO O ANO

— O sr. dr. Júlio Dantas!

— O Respeitável Público!

Afinal era inútil a apresentação. Quem há por aí que não conheça o ilustre cozinheiro da Ceia dos Cardiais **e o eminente Marialva da** Severa? **Tendo começado timidamente pelo** Nada **— acabou heroicamente por ser** Tudo. **Poeta, dramaturgo, historiador, orador, médico, político, cronista, conferencista, capitalista, jazz-bandista, mais do que um académico — é a própria Academia. Entre o Dantas-1896, alto, magro, roxo, lírico, vestido irrepreensivelmente de viuvo, e o Dantas-1941, citado, cintado, engomado, adulado, consagrado, engripado, homem de sete instrumentos, aerodinâmica abelha de oiro pousando de flor em flor, vai pouco menos do que a distância infinita que separa a terra duma estrêla. Vendo o infatigável Dantas-rosa de todo o ano, poucos se recordarão já do primitivo Dantas-haste de lírio. Mas nem precisamos de ir tão longe. Ao verem passar Dantas-galo de Apolo, empoleirado no setim fofo duma** conduite **opulenta, raros se lembrarão ainda do Dantas passeando, sòzinho, a cavalo, com a modesta espada de alferes batendo no arção da sela. Hoje, é outro. Espécie de Mefistófeles de casaca, espécie de Watteau de polimento, escrevendo com a calma sumptuosidade dum mestre de iluminura, tomando em Sèvres a sua eterna canja de galinha e dando-nos, ao olhá-lo, a impressão de que se move atrás duma cadeirinha que ninguém vê, a melhor biografia actual de Júlio Dantas — escreve-a diàriamente Júlio Dantas. Com tôdas as horas marcadas, à semelhança de Garrett, realiza, como o escritor do** Frei Luiz de Sousa, **o prodígio de ter tempo para tudo — sem faltar a coisa alguma. Mesmo agora acabam de convocá-lo para uma conferência política; agora mesmo acaba de telefonar-lhe Madame X para ir tomar uma chícara de chá a sua casa. Outro que não fôsse êle ver-se-ia embaraçado, hesitando,** malgré tout, **entre a política e uma mulher bonita. Júlio Dantas, não: vai, ao mesmo tempo, às duas coisas. É precisamente êsse sentido de psicológica oportunidade uma das razões do seu triunfo na existência. Progressista convicto, amigo fervoroso de José Luciano de Castro, não deixou, mais tarde, de ser senador e ministro no regime republicano. A alguém que, um dia, lhe imputou a possível incoerência, teria respondido, num sorriso, pondo o monóculo: — «Não fui eu que mudei, meu querido amigo: foi o país». Tudo na vida do ilustre escritor constitui assim o reflexo da arte tão difícil de saber viver: os seus livros, os seus discursos, as suas opiniões, as suas** toilettes, **os seus próprios cigarros. Poeta — a sua Musa inspira-se na última moda; erudito — a sua erudição veste o último pijama. Com a mesma elegância, com a mesma facilidade, traça uma carta de amor — e um manifesto político. São-lhe por igual familiares as sessões da Câmara — e as sessões do Parnaso. As suas peças contituem êxitos como os seus livros. Tem sido tudo. Tudo tem conseguido: loiros e escudos. Duas coisas apenas inexplicàvelmente lhe faltavam: a farda e o espadim da Academia. Há pouco, entrou num alfaiate e tirou medidas. Quási logo os seus consócios académicos se cotizaram — e ofereceram-lhe o espadim. Realizou o seu último ideal. Estamos a vê-lo, neste momento, em plena calçada da Glória, ofegante, elegante, distinto, fardado, cintilante de condecorações, murmurar à marquêsa de Sande que o acompanha, na luz doirada da tarde:**

— Isto é que é subir, marquêsa!

PALAVRAS HISTÓRICAS

NUNCA foram publicadas em Portugal — pelo menos que se saiba — as últimas palavras, sem dúvida históricas, trocadas entre o embaixador da Inglaterra em Berlim, Hendersen, e o ministro dos estrangeiros do Reich, no momento da declaração de guerra. É fora de dúvida que essas palavras se revestiram dum vivo significado. Ribbentrop estendeu friamente a mão ao embaixador e pronunciou apenas:

— *Good-bye!*

Hendersen limitou-se a retorquir, com secura:

— Tanks *you!*

A FELICIDADE

ANDRÉ Brun que, na frase de Guerra Junqueiro, dava a impressão «duma abelha de oiro enfiada numa vareta de chapéu», afirmou, um belo dia, com o seu melhor humorismo:

— Para se ser feliz são precisos dois *muitos* e dois *poucos*: muita saúde e muito dinheiro; pouco coração e pouca inteligência.

CURA DE ÁGUAS

UM dia dêstes, no seu gabinete de empresário do Coliseu, Ricardo Covões exclamou, a certa altura, falando dos seus achaques crónicos:

— O que me vale são as águas. Dou-me esplendidamente em Melgaço...

Logo Esculápio — o herdeiro literário do célebre médico do mesmo nome — interrompeu:

— Eu prefiro bagaço.

LEITE DE VASCONCELOS

O dr. José Leite de Vasconcelos, mestre de sábios, tinha uma grande paixão: a etnografia. Era, não apenas, a sua devoção, mas o seu sorriso. Um dia, Leite de Vasconcelos convidou para jantar a escritora D. Ana de Castro Osório e a mulher do ilustre caricaturista Leal de Câmara. Ao sentarem-se à mesa, o sábio justificou modestamente a humildade do banquete:

— V. Ex.as, minhas senhoras, desculparão. A minha creada não sabe nada de cosinha, mas conservo-a...

— ?

— Porque nunca conheci ninguém que soubesse tantas quadras populares!

OS CARRILHÕES

O recente Congresso Eucarístico realizado em Mafra, com magnifico explendor, veiu, mais uma vez, chamar a nossa atenção para a suntuosidade com que D. João V quiz que se rodeasse tudo quanto dissesse respeito à celebre basilica. Quando estava quási concluída a igreja, uma manhã, o Marquês de Abrantes aproximou-se do Rei e disse-lhe com ar compungido:

— Veiu hoje a carta da Holanda, meu senhor!... Pedem quatrocentos contos pelo carrilhão que Vossa Magestade encomendou...

— Quatrocentos contos, um carrilhão?

— Uma exorbitância, real senhor!

— Pois não supunha tão barato! Encomende dois, Marquês!

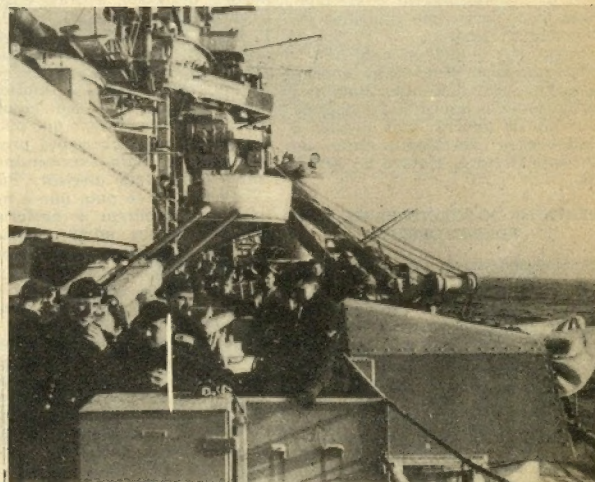
Luiz d'Oliveira Guimarães

Hitler FALOU ao povo alemão da campanha dos Balcãs

NO REICHSTAG, especialmente convocado para o efeito, o Chanceler alemão falou ao seu povo, sôbre a campanha dos Balcãs que terminára com as vitórias obtidas na Iugoslávia e na Grécia. Na gravura que publicamos, vêem-se, à esquerda de Adolfo Hitler, o ministro dr. Goebbels e o ajudante de Campo do «Führer», Rodolfo Hess.

À esquerda: UM TANK ALEMÃO caba de chegar a uma aldeia da Grécia. A neve cobre os caminhos. Os soldados saiem do carro para descansar por momentos.

À direita: UMA COLUNA MOTORIZADA do exército do Reich, avança através avança através de estradas da península de Atenas.

UM CARRO DE ASSALTO SÉRVIO é capturado por fôrças alemãs que o desarmaram.

NUM NAVIO DE SUPERFICIE, ALEMÃO, que navega algures, na imensidão do Mar, em certo fim de tarde, a tripulação goza uns momentos de descanso.

PANORAMA INTERNACIONAL
Entre duas batalhas

No dia 12 à tarde, rolou através de todos os países a notícia de que em vésperas estamos de acontecimentos diplomáticos e militares no Mediterrâneo Oriental e no Próximo Oriente. No dia 14, informava se que o chefe do govêrno de Vichy, o almirante Darlan, conferenciara com Hitler em Berlim. Von Papen chegado na noite anterior de novo a Ankara, conversava largamente nêsse mesmo dia com Sarajoglu, o chanceler turco.

Três factos, três índices, podendo ajuntar-se-lhes o rumor de uma substituïção de tropas alemãs por italianas em certas zonas ocupadas da Europa.

A semana entrava cheia de prenúncios e de inquietude. Churchill, no seu derradeiro discurso aos Comuns, aludira discreto à França e à Turquia. E no precedente dissera: «A guerra pode alastrar à Espanha e a Marrocos, pode estender-se para leste à Turquia e à Rússia». Gibraltar reforçava-se sob o comando de um bravo de Dunquerque, o visconde de Gort. A previsão do Primeiro Ministro tocára, pois, nos pontos flácidos duma tumefação que se enchia e inflamava a olhos vistos, no corpo desta Europa flagelada.

Vendavais de areia tórrida volviam tórpidas as tropas inglêsas e alemãs nas fronteiras do Egito, amolecendo as operações. O espinho que em Tobruk os seus defensores recravaram no flanco dos atacantes continuava a mordê-lo, enquanto a R. A. F. e a esquadra de Cunningham irrigavam de bombardeamentos tôda a costa até para além de Benghazi, a impedir desembarques de abastecimentos.

Pródromos e sinais de maiores sucessos, êstes factos, de procedência vária, conjugaram-se para avolumar um ambiente que, já a quando da enigmática fuga de Rodolfo Hess para a Inglaterra, se condensou e ainda pesa como atmosfera de trovoada a formar-se.

E assim foi que ao cair a primeira quinzena dêste Maio incerto, se ouviu falar em duas batalhas, dando faces primordiais, à decisão suprema da guerra: uma prestes a desdobrar se do Mediterrâneo ao Próximo Oriente, a outra no Atlântico.

A BATALHA DO MEDITERRÂNEO E DO PRÓXIMO ORIENTE

DARLAN

O golpe de Estado que Roma e Berlim fomentaram no Irak reduz se a mero episódio de campanha, se não se religar a um plano mais vasto com o objectivo de mal ferir a Inglaterra em Suez e no Indico. Nunca o desfitaram os olhares britânicos durante os acontecimentos balcânicos, e esta é a razão que veio a dar se da atitude inglêsa para com a Turquia, jàmais a forçando a pôr em acção uma aliança que os homens de Estado turcos também nunca deixaram de confirmar. É pelo Bósforo o melhor caminho para os reinos e protectorados que retalham a Arábia. A pressão sôbre Ankara, portanto, tem de ser uma finalidade imediata para quem lá queira atingir a Inglaterra.

Outra porta é a da Síria onde nos primeiros mêses desta guerra a França havia, sob o comando de Weygand, um primôr de tropas que após a *débâcle* se dispersou em grande parte.

A batalha do Mediterrâneo e do Próximo Oriente está pois, no primeiro esbôço, com uma imprimadura geral a que as artes de Von Papen irão talvez dar os tons fortes nas suas conversas em Ankara e Istambul, para que a Turquia continue espectadora.

É um momento de suspensão, que no entanto, não cai sòmente na área do Mediterrâneo. Dir-se-ia que nestes princípios de Maio, a guerra espera de partes mais longínquas, um factor que a fará recrudescer.

A BATALHA DO ATLÂNTICO

ROOSEVELT

A política de auxílio à Inglaterra que o presidente Roosevelt vem conduzindo desde o princípio da guerra e cujo último passo foi a ocupação de bases na Groelândia, prolongando a zona de protecção ao transporte de mercadorias e armamento enviados dos Estados Unidos e do Canadá à Gran-Bretanha, — política *sui generis*, a reboque das modificações produzidas na opinião pública, tal como a do presidente Wilson na outra guerra — acaba de fazer entrar em novo transe a batalha do Atlântico.

Fôra anunciado que Roosevelt proferiria a 14 um discurso importante na cerimónia da União Pan-Americana. No dia 13, noticiou-se de Washington o seu adiamento para 27 do corrente, o que não quer dizer que as declarações presidenciais não venham a ser ainda remetidas para data ulterior. Porquê? Visivelmente se nota que à medida que se aprontam e aceleram os acontecimentos norte - americanos, os não-intervencionistas insistem com maior vigor na sua campanha. Sòmente a sua tática é diferente. A princípio negavam-se a admitir a mesma remessa de auxílios à Inglaterra, alegando que esta lançaria a nação na guerra, e agora, como a salvação e a vitória inglêsas são ponto de fé pública, manobram no sentido de que se enviem os auxílios necessários e prometidos para o arquipélago britânico, mas que não lhes seja dada escolta naval porque «os Estados Unidos só poderão fornecer abundantes quantidades de material de guerra à Gran-Bretanha, se estiverem afastados da guerra». É a opinião há pouco defendida pelo antigo presidente Hoover, que assim fica colocado entre o extremismo germanófilo de Lindberg e aquêles que, como Knox, secretário de Estado da Marinha, declaram que «a América só espera a ordem de avançar». No meio, Roosevelt manobra. A próxima discussão no Senado sôbre a requisição de navios estrangeiros, vai servir-lhe de terreno de observação, e para tomar o pulso ao isolacionismo. Ganha esta mão no jôgo, o presidente terá o caminho aberto para novos rasgos, talvez definitivos.

A imprensa italiana, como para acicatar os seus amigos de Além-Atlântico, anuncia e espalha aos quatro ventos que os Estados Unidos serão beligerantes de direito dentro de curtas semanas. Nêsse caso, estariam explicadas certas palavras de Knox de que é muito possível que «o sistema de escoltas não seja a solução aconselhável para assegurar a chegada das expedições ao ultramar» e opõrem se «ao agressor com fôrça bastante para o intimidar e para o vencer». A unificação de comandos navais anglo-norte americanos para garantir a navegação no Atlântico, por exemplo, já não seria evidentemente o mesmo que fazer escoltar navios mercantes pela frota de guerra da grande república da América do Norte.

A batalha do Atlântico está a travar-se nêste momento — em terra, na Casa Branca e no Capitólio de Washington. E como os aliados indirectos do ponto de vista alemão, fazem derramar a ideia de negociações para uma paz branca, Lord Halifax saíu-lhes ao encontro e afirmou-lhes terminante que «nesta luta não há possibilidade de um compromisso».

A vitória dessa batalha sem par será em primeiro lugar a vitória de Roosevelt.

Chegam a Suez de três em três dias barcos norte-americanos com reforços de material para as tropas do general Wawell, protegidos, segundo se diz, por unidades navais que sulcam o Indico. A rectaguarda da Norte-América amplia-se a novos mares. A beligerância jurídica dos Estados Unidos depende apenas da primeira granada que saia da bôca de um dos grandes canhões dos seus cruzadores e couraçados...

A INTERROGAÇÃO DE MOMENTO

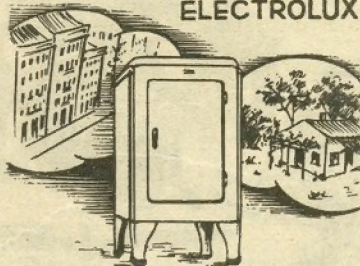
CHURCHILL

Dia por dia, hora por hora, as ansiedades britânicas recrescem. A voz clara e franca de Churchill, cuja estatura se levanta de cada vez mais, as opiniões que se traduzem na imprensa, não deixam margem a dúvidas. Depois de ano e meio de resistência admirável, a Inglaterra chega ao acúme da guerra e põe a questão do *to be or no to be* aos Estados Unidos — a questão da vitória. O bloqueio assume, pois, uma importância vital. E êle depende dos Estados Unidos.

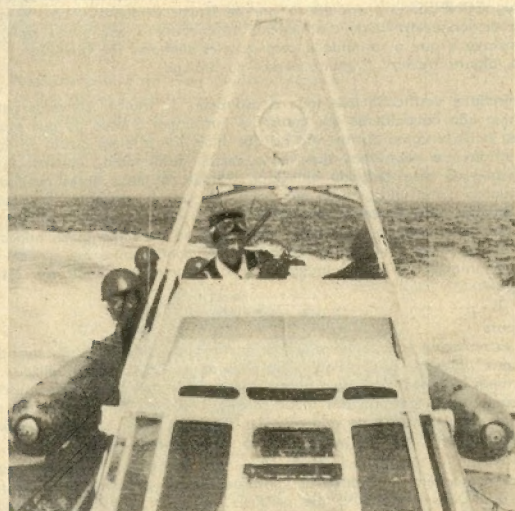
Um observador norte-americano, Alex Morris, acaba de escrever estas palavras cheias de realidade:

«O povo britânico, bombardeado, batido e cercado, nunca se detém a pensar de que maneira ganhará a guerra. A Inglaterra sabe, muito bem, que não pode sòsinha ganhar uma guerra contra todo o continente que pouco a pouco foi caindo nas mãos do adversário. Só os mais optimistas pensam que Hitler poderá ser batido pela Inglaterra sòsinha em menos de dois anos».

Na semana que finda, a quási um mês do termo da primavera, a estação saùdada por Hitler como uma alvorada, esta interrogação conta as pulsações do mundo, como o relógio do Escurial, no poema de Zorrilla, marcava por segundos a duração de um império.

FRANCISCO VELLOSO

a Itália
Em combate na terra e no mar

A CAMPANHA DA IUGOSLÁVIA TERMINOU. Reconquistada a porção de território albanês que se encontrava ocupada pelos gregos, oficiais plenipotenciários sérvios apresentam-se na frente meridional para negociarem a capitulação das suas fôrças.

UMA BATERIA DE DEFESA ANTI-AÉREA DA MARINHA ITALIANA entra em acção durante um ataque da aviação inimiga a uma formação naval que se desloca nas águas do Mediterrâneo oriental. Os marinheiros seguem a evolução dos aviões atacantes para regular a sua pontaria.

OUTRO ASPECTO DUMA VEDETA RÁPIDA NAVAL ITALIANA, esta em acção de patrulha na costa do Adriático. A estas unidades navais torpedeiras incumbem tôdas as missões rápidas de policiamento no mar.

NO LAGO OCRIDA, uma vedeta rápida da Marinha de Guerra italiana patrulha as margens. Estas modernas unidades navais da Itália desempenharam um papel importante no aniquilamento do plano de reünião dos exércitos grego e iugoslávo, durante a campanha dos Balcãs, naquela zona.

NOS ARREDORES DE SOLLUM, na África Setentrional, já em território egípcio, tropas motorisadas italianas deslocam-se no deserto, colaborando com as alemãs no ataque aos inglêses.

A Tia Engrácia e o bicho homem

UMA PÁGINA INÉDITA DE Eduardo Schwalbach

ESPECIAL PARA «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

Tia Engrácia — alta, magra, de lunetas encavalitadas num nariz imodestamente adunco, olhos sumidos, orelhas simiacas e lábios arreganhados — faleceu repentinamente em Agosto de 1916, reformada no seu posto de Tia sem nunca ter exercido qualquer acumulação registada pela Santa Madre Igreja e sem nunca a ponta do pé lhe ter escorregado ao de leve que fôsse. Sempre e ùnicamente uma Tia rigorosa no cumprimento dos seus deveres para com os sobrinhos, a quem a sua vasta cultura prestara os mais valiosos serviços. Tinha gestos largos, afeiçoados à sua estatura e às atitudes que assumia quando nos momentos solenes empinava a cabeça e desembainhava os braços esguios. Quem então a via estava longe de suspeitar a sensibilidade latente que, ao mais brando sôpro de mágoa, lhe agitava os nervos, embora nem ao de leve lhe conhecesse a causa. Ao ouvir a notícia dum falecimento, desatava em chôro copioso, e só depois de enxutas as lágrimas é que preguntava: «Mas quem é que morreu?» Era uma sensibilidade diurética espicaçada pelo exagêro, pois que dêste modo me descreveu um dia a morte de sua Mãe: «Coitadinha, era muito minha amiga. Levou-me atravessada na garganta. Apertou as minhas mãos nas suas, cravou os olhos nos meus, despediu um fundo suspiro e morreu. Mas logo depois, aferrada à filha querida, os seus lábios ciciaram «Engrácia!» e tornou a morrer... para sempre!»

A sua hostilidade ao sexo masculino chegava a ser feroz. Tratava-o com êste desprêso: — o bicho-homem. Micróbio de todos os males, impertinente como um mosquito, vaidoso como um pavão, astuto como uma raposa e falso como Judas, a Tia Engrácia não perdia ensejo de assim o deminuir, de o apontar como causador de tôdas as desgraças. Afiançava que só de lhe pronunciar o nome se lhe azedava o estômago. E cuspia para o lado.

Morreu de repente, sentada à sua secretária, quando escrevia num volumoso caderno: a mão voltara-se-lhe com a caneta entre o máximo e o indicador. Porque, a miudo, se fechava no quarto durante longo tempo e a família nessa ocasião estava fora de Lisboa, as criadas, à hora do jantar, foram bater-lhe à porta. Bateram duas, três, quatro vezes e nada de resposta. A fechadura estava corrida por dentro; arrombaram-na e então deparou-se-lhes o inesperado quadro. Telefonaram a um dos sobrinhos que apareceu ràpidamente com um médico, a quem coube apenas verificar o óbito. Vitimara-a uma embolia.

Caíu o olhar do sobrinho sôbre o caderno já quási nas últimas páginas. Pegou-lhe, e com espanto leu no frontespício CONFISSÃO DUMA PENITENTE. A meio da página a seguir, em letra garrafal, PECCAVI. Cheio de curiosidade e receioso de ser surpreendido, numa aberta meteu o manuscrito entre a camisa e o colête e saíu apressado. Ao chegar à rua, deu de cara comigo, velho amigo da casa. Contou-me o que se passara e mostrando-me o caderno que tirara do seu esconderijo acrescentou:

— Vês isto? Deve ser a decifração dum mistério, ia jurá-lo. Vamos lê-lo?

Em minutos estavamos no seu gabinete de trabalho e abriamos a CONFISSÃO DUMA PENITENTE, de que lhe pedi para copiar alguns trechos.

... ...

Quem havia de o adivinhar? O apregoado e ferino ódio da Tia Engrácia ao homem não era mais do que apertada e corrida persiana sôbre o grande amor que lhe votava! Ela amava o homem com tôdas as fôrças da sua fealdade! Sonhava-o sob todos os aspectos, acarinhava-o com todos os mimos, rezava-o como uma oração, bebia-o como um nectar, trincava-o como uma esfomeada, mas que ninguém lobrigasse um raio daquele sol cujo poente a sua alma jàmais conhecera. E porque afivelaste, Tia Engrácia, porque afivelaste, desde tão nova, a êsse tão trágico amor essa tão espessa máscara de ódio? Porque, Tia Engrácia?

Porque? Ela o diz no prólogo da sua CONFISSÃO, aqui e alem, com manchas encarquilhadas de lágrimas. Por orgulho! Pelo seu orgulho de mulher!

Encetemos a leitura:

«Um dia, mal abria os meus 15 anos, à hora do recreio brincávamos no colégio às «Flores». Coube-me em sorte o «Amor perfeito». Gargalhada geral, e uma das minhas condiscípulas que me detestava e se mordia de inveja pelas minhas altas classificações gritou-me escarninha: «Tu, amor perfeito! Que ironia da sorte, ó mostrengo dos mostrengos! Qual será o homem que sem horror olhará para ti? Qual será o homem que não sentirá uma nausea se os teus olhos se levantarem para êle?» Palmas e mais gargalhadas coroaram esta objurgatória e, dando-se as mãos, rodearam-me a dançar e a cantar

Feia se falas,
Feia calada,
Feia sorrindo,
Feia zangada.
... ...

Num relâmpago, com todo o meu orgulho de mulher a sangrar e a mais viva fé em mim própria, de cabeça erguida e dando intimamente às minhas palavras a alma dum juramento, repliquei-lhe decidida: «Olha o mal! Que me importa o homem, se sempre o hei-de detestar como um ser inofensivo e daninho? No que vós tôdas procurais a felicidade eu encontraria o asco por mim própria. Ouvistes? Fixai-o bem.»

—Estão verdes! chalrearam em côro.

Voltei-lhes as costas e subi ao meu quarto. A tremer lancei mão dum espelho, e olhos com olhos desatei num chôro convulso. — Realmente sou feia, sou feíssima, repetia, desenfronhada de tôda a ilusão, horrorizada com o que o espelho, para que tantas vezes olhara inconsciente, me devolvia sem um assomo de piedade. Na verdade que me espera se levantar os olhos para alguém? O escárneo, a troça a risota alvar... facadas sôbre facadas no meu orgulho de mulher. Não! Não! Ponhamos a máscara para fingir que não queremos o que queremos, que odiamos o que amamos, que reputamos como morte o que para nós é vida. Não! Não! Acima de tudo salvemos o nosso orgulho que é a elevação da alma, a dignidade do espírito, a couraça contra a baixeza. Por êsse orgulho aqui juro tornar-me a mais acérrima detractora do homem, a sua maior inimiga!... Eu?! Eu que tanto o amava como um ente superior que me seduzia, que me completava!

Que tanto o amava e... que tanto o amo. Ainda não tinha 12 anos quando vim da minha terra e, quási sem dar por isso, já trazia num cantinho do meu coração um rapazito da minha idade, filho do feitor, o Andrézito. Pois já neste momento acabo de lhe torcer o pescoço!»

Aqui umas linhas enrugadas e ilegíveis com a tinta esborratada a denunciar um chuveiro de lágrimas.

... ...

Estava explicado. Todo o seu «ódio» ao bicho-homem era amor, um encarcerado amor que lhe enchia a alma e simultâneamente lha devorava, sacrificado na ara do orgulho.

Entremeados com artigos e fundos de conferências que anònimamente enviava a «Revistas» e «Ilustrações» e a conferentes em vogo, como dizia na sua CONFISSÃO, exercendo uma propaganda clandestina a favor do «seu bicho-homem»; entre centenas dessas páginas onde a sua alma sufocada se expandia como que a respirar num subterrâneo, acamavam-se retratos de generais, oradores e poetas, figuras do teatro e do romance, cavaleiros tauromáquicos, estudantes de capa e batina, actores e cantores, de mistura com varões ilustres da História. Nesta curiosa e vasta colecção, só um retrato, à tôda a altura do caderno, tinha uma epígrafe — «O mais belo homem». Era o retrato de Napoleão III, a cavalo, com o seu bigode de longas e retezadas guias e a sua pêra em perfeito jôgo com o bigode.

Com todos aqueles figurinos das suas paixões, com todos aqueles inquilinos do seu coração, numa promiscuídade desordenada mas impecável, a tia Engrácia, enclausurada no seu quarto, vivia horas de êxtases e de torturas, exaltando uma poligamia poética de 100 graus à sombra!

Pobre tia Engrácia, como ela devaneava com êles nos capítulos soltos que arranquei à sua CONFISSÃO e em que a par de líricos arroubos — caso estranho! — chispa de longe em longe uma crítica zombeteira a que o seu espírito literário a arrastava e que a intimidade com aqueles senhores lhe permitia!

Ao acaso, alguns trechos. Primeiro depois do prólogo:

«Está definido e verificado que tôda a aspiração da mulher converge para o homem, porque não há palavras que mais lhe perfumem a bôca do que estas três — «O meu noivo!» como outras não há que mais lhe alteiem o seio do que — «o meu marido»! e nenhumas que, para certas desalmadas, igualem êste suspiro de alívio — «O meu defundo marido!». Porque, ó meus entes queridos, cujas efígies guardo como relíquias do que podia ter sido e nunca foi, a missão verdadeira da mulher cifra-se em namorar, casar e... enviuvar para casar outra vez. Perdoem-me a brincadeira, mas bem sabeis que só convosco posso brincar, rir e viver. Viver na alegria velada a todos que me conhecem e me supõem a vossa implacável inimiga. Vossa inimiga?! Como haveis de rir de tão artificioso engano!»

... ...

Mais adiante:

«Ó meu estremecido companheiro dêste mistério de amor, ó meu querido Homem que, nas palavras de S. Paulo, Deus criou e Cristo espiritualizou, ó advogado dos meus pecados, partícula augusta do sacrário do meu peito, atavio dos meus pensamentos e patrono dos meus sonhos, como eu te adoro, como te vou buscar às longínquas eras, e de vela acesa te trago em processsão para sempre te admirar e sempre te querer na veneração da minha alma!

Na Idade Média — tão distante ela vai! — não me atrai a tua rudez, mas ainda assim quem me dera ter sido a desventurada Inez de Castro de D. Pedro o «Cru», e — que Deus e a Pátria me perdoem! — ter sido a própria Leonor Teles por quem D. Fernando ia perdendo o reino e o conde de Andeiro perdeu a vida! O amor, não há dúvida, é forte e enche o teu coração, ó Homem; mas chega a Renascença e transborda. Aí começa o meu cortejo de ideais. Os poetas são mais a mim, as Natércias desdobram-se em vários anagramas; Camões e Bernardim Ribeiro divinizam os seus ideais; o Homem atinge a culminância da beleza amorosa e segue de panos enfunados até à dominação dos Filipes. Então Portugal importa de Espanha o D. Juan Tenório que dá origem ao «Homem fatal» de capa traçada sôbre o ombro, sombrero carregado na testa e mão nos copos da espada. O homem de capa e espada!!! Há nada mais fascinante, que mais faça palpitar o coração e desnortear a cabeça duma mulher? Se os homens de hoje avaliassem bem o poder desta indumentária e o que poderiam conseguir se em vez de se encadernarem o busto numa rabona, se rebuçassem numa capa, se em vez de trazerem uma bengalinha, apoiassem a mão nos copos duma espada, iam todos a

correr vestir-se à 1640 nos «ateliers» do Castelo Branco ou do Valverde, e talvez assim muitos contassem... o hino da «Restauração».

Deixem-me brincar, sim? Já lhes disse que só convosco me alegro e sonho uma vida que nunca podia ser da minha vida!

Mas adiante. Continua a procissão:

Agora passam ràpidamente figuras efeminadas e freiráticas que não me interesssam, porque representam um período em que o homem macaqueia o homem, em que o homem não é o meu homem — o Faceira, o Pisa-flores, que horror! — para vir em seguida a gloriosa época do romantismo que avassala cérebros e corações. Copia-se Lamartine e a barba passa-piolho impera. Que encanto a fisionomia do homem! A boquinha inteiramente livre e a emmoldurar-lhe as faces e o queixo, duma orelha a outra, como vaivem de segredos, a gracinha duma barba curta e bem cuidada! Então — ó garbosa pleiade dos meus sonhos! — é que foi amar de pé atrás e mão no peito. Garrett — que homem! que homem! — morre entre a Cruz e a Luz. Musset escreve com o sangue do seu coração as amarguras de todos os corações, e os nossos líricos, seguindo-lhe o estro, contam melancòlicamente o amor, a esperança e o desespêro. Ao mesmo tempo as espadas tilintam nas bainhas e cintilam os uniformes estrelados de veneras: o Saldanha ruflando as suiças brancas, como asas do rosto, e afagando o farto bigode, o Palmela, o duque da Terceira — todos uns amores com as suas fardas brilhantes que encandeiam os olhos das mulheres. Cruzam-se faíscas de espírito com os ecos de façanhas militares, a mulher desequilibra-se e o coração rende-se. Esmorece o aparato bélico, e o neo-romantismo traz-nos pela mão o homem de bigode e pêra a tossir e a carpir-se. Uma pêra! Que fraco eu tenho por uma pêra, confesso-o. Uma perinha a palpitar, a estremecer, a ir para cima, a voltar para baixo, que meneio engraçado e perturbador! Agarrar meigamente um homem pela pêra, puxá-lo até nós e dizer-lhe ansiosa e soluçante «Como eu te amo!» e ouvir-lhe, sacudindo a cabeleira e pondo os olhos em alvo, «O teu amor e uma cabana!» seria de endoidecer. E havia tão lindas pêras na Guarda Municipal!

Mas estou tonta... a ameaça duma vertigem... Tôda esta evocação em que tu, ó Homem, não és o bicho-homem... não, não e não... e antes és a alma da minha alma, o fogo do meu corpo... Tenho de largar a pena. Vou repousar um pouco... Se fôra nos teus braços!...».

Na página em comêço, quando a morte a tomou de assalto:

«Estou hoje alegre. Dei, há pouco, uma esmola a um cego e êle disse-me: Obrigado, minha linda menina.

Só um cego me podia chamar linda menina. Mas que importa? Foi com os olhos da sua alma que me viu, e a minha alma agradecida ajoelhou aos pés da sua. E fiquei alegre, com vontade de brincar. Com quem? Com quem havia de ser? Contigo, meu adorado Homem. Tão bom que és, e eu nesta contínua penitência de te caluniar!

Meu homem de hoje, meu ado..., olha que vou brincar, não te zangues. Eternamente enganado e resignado, arte nova pela confecção do teu alfaiate que fêz de ti um Adelaide... — não te zangues, já te disse que tudo isto é brincadeira — religião sublime pelo recheio da tua carteira, poema de tôdas as donzelas, cofre de tôdas as casadas, reforma de tôdas as viúvas, tu és e continuarás a ser a bengala a que a mulher se arrima, braço que a leva ao altar, mão que lhe paga as contas da modista, e acima de tudo raiz de todo o seu coquetismo, alento dos seus caprichos... — olha que é tudo a brincar, ouviste? Estou muito alegre... «minha linda menina!» — Conduze, pois, a mulher sem o mínimo desfalecimento, de olhos fechados, que abri-los é perigo para ambos, sempre terno, amável, carinhoso, estandarte das suas tontices, cântico das suas despesas! Amai-a como eu te...».

Foi nesta altura que a embolia derrubou a Tia Engrácia com a «minha linda menina» ainda a cantar-lhe nos ouvidos. Ninguém assim lhe chamara, ninguém mais a tornaria a chamar.

Passámos pela vista mais algumas páginas.

— Que se deve fazer a êste espólio? — preguntou-me o sobrinho.

— O que se deve fazer — respondi-lhe. Fechá-lo, lacrá-lo e meter-lho dentro do caixão, a seu lado. Mas, primeiro, tiras para fora o retrato de Napoleão III com as retezadas guias do seu bigode e a sua imperial pêra e mete-lho debaixo da almofada em que para sempre ela repousará a cabeça. Há de gostar.

E assim se fêz.

Pobre Tia Engrácia, como a fealdade do teu rosto salvou o teu orgulho de mulher!

18-5-941.

EDUARDO SCHWALBACH

Na FRANÇA de PÉTAIN

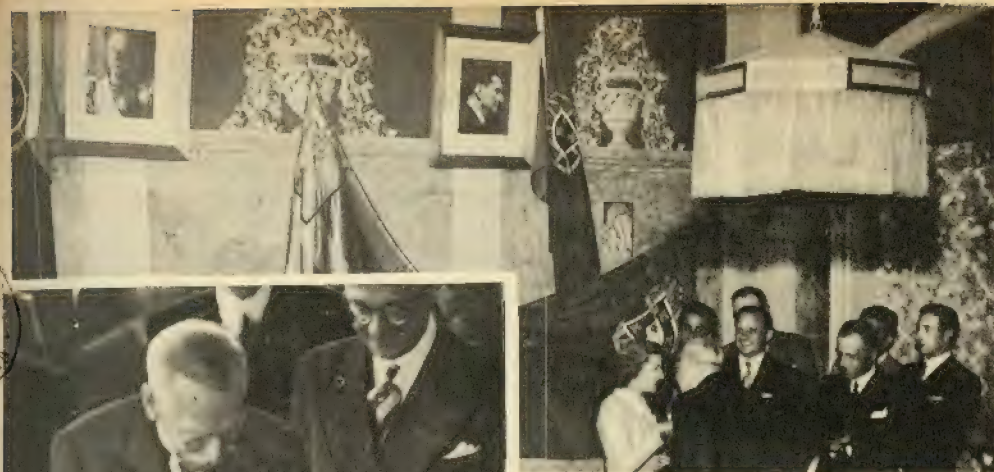
DURANTE A SUA RECENTE VIAGEM a Pau, a Lourdes e a Terbes, o Marechal Pétain recebeu da bôca e do coração do povo provinciano aplausos e carinhos. Vêmo-lo aqui sorridente a receber uma oferta singela, mas simbólica: Um cordeirinho branco que lhe foi dado por umas crianças vestidas à maneira regional.

OS «COMPANHEIROS DA FRANÇA» desfilam nas ruas de Vichy, em direcção ao monumento aos Mortos da Guerra, onde vão depor uma coroa de flores. À frente, altivo, marcha o chefe de companhia Brunet, antigo marinheiro e campeão de luta.

NA CASA DO SOCORRO NACIONAL, começou a distribuïção das cartas de vitaminas. Com elas, são beneficiadas tôdas as crianças de menos de seis anos e as futuras mãis.

COM A COLABORAÇÃO DA FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, inaugurou-se em Lisboa, no presente ano lectivo uma Escola Técnica de Enfermeiras. As alunas do primeiro curso terminaram recentemente o período de seis meses de trabalhos procedendo-se, por êsse motivo, à cerimónia da imposição do «cap». Na gravura, vemos a directora da Escola, sr.ª D. Maria Angélica Lima Basto, ex-bolseira da Fundação Rockefeller, nos Estados Unidos da América, colocando o «cap» da enfermagem na cabeça duma das alunas.

OUTRA CERIMÓNIA SIMBÓLICA consiste em acender uma vela na chama tradicional de Florence Nightingale — figura que personifica o esfôrço abnegado da enfermeira. Vemos, em cima, o grupo das alunas que, pelo seu aproveitamento, mereceram a distinção de participar nessa cerimónia; e, em baixo, as mesmas alunas, empunhando as velas já acesas. Nesta foto vêem-se também, os srs. prof. Francisco Gentil, inspector do curso e director do Instituto Português de Oncologia, e dr. Rolla Hill, representante da Fundação Rockefeller — a quem o nosso País deve revelantíssimos serviços.

Acontecimentos da SEMANA

NO EDIFÍCIO DO ANTIGO CASINO INTERNACIONAL DO MONTE ESTORIL, ficou instalada, desde domingo passado, a séde dum florescente grupo cultural e desportivo — o Estoril Plage. Ao acto, assistiu o Chefe do Estado que se vê nas fotos: em cima, após o descerramento das fotografias dos srs. Presidente da República e do Conselho; em baixo, à esquerda, cortando a fita da porta de entrada; e, à direita, inscrevendo-se como sócio daquela agremiação.

O GRUPO DOS HUMORISTAS PORTUGUESES promoveu mais uma sessão que se efectuou na Casa do Alentejo e em que foi conferente o sr. dr. João Valério (em cima, à esquerda). O INSTITUTO DE CULTURA ITALIANA prossegue na sua obra de divulgação, com a assistência dum público escolhido (em cima, à direita). A FESTA NACIONAL POLACA foi comemorada em Lisboa com uma reünião de membros da colónia na Legação daquele país, a que presidiu o respectivo ministro (em baixo à direita).

VAI INICIAR A SUA PUBLICAÇÃO

A BIBLIOTECA COSMOS

GRANDE, POPULAR E ORDENADA COLECÇÃO DE DIVULGAÇÃO CULTURAL — SOB A DIRECÇÃO DO DR. BENTO DE JESUS CARAÇA, PROFESSOR DA UNIVERSIDADE TECNICA DE LISBOA

COLABORADORES

ABEL SALAZAR — Antigo Prof. da Facul. de Med. da Univ. do Pôrto.
ADOLFO CASAIS MONTEIRO — Publicista e critico de arte.
ADRIANO GUSMÃO — Crítico de arte.
AGOSTINHO DA SILVA — Antigo Prof. do ensino liceal e Publicista.
ALBERTO CANDEIAS — Prof. do ensino liceal.
ANTÓNIO SÉRGIO — Publicista. Antigo Ministro da Inst. Pública.
ANTÓNIO DE SOUSA CÂMARA — Eng. Agron. Dir. da Estação de Agronomia Nacional.
BENTO CARAÇA — Prof. da Univ. Técnica de Lisboa.
CAMPOS LIMA — Advogado e Jornalista.
CARLOS JOSÉ DE SOUSA — Chefe de Divisão de Est. Econ. do Banco de Portugal.
CARLOS SANTOS — Médico-Radiologista.
CARLOS TÔRRE DE ASSUNÇÃO — Prof. Aux. da Faculd. de Ciências de Lisboa.
CELESTINO DA COSTA — Prof. da Faculd. de Medic. e Presid. do Inst. para a alta cultura.
EMILIO COSTA — Professor e Publicista.
EDUARDO SCARLATI — Cap. Ten. da Armada e Publicista.
FERREIRA DE CASTRO — Jornalista e Publicista.
FRANCISCO FERREIRA DE MIRA — Prof. da Fac. de Medic. da Univ. de Lisboa.
FRANCISCO MENDES.
HENRIQUE BARROS — Eng. Agr. Prof. Aux. do Inst. Sup. de Agronomia.
IRENE LISBOA — Escritora.
JOÃO DE BARROS — Ant. Ministro dos Neg. Estrang. Publicista.
JOAQUIM ALVES CORREIA — Padre Missionário.
JOSÉ GOMES FERREIRA — Publicista e critico de Arte.
LUIZ DIAS AMADO — Assist. da Faculd. de Medic. da Univ. Lisboa.
LUIZ FREITAS BRANCO — Prof. do Cons. Nac. de Música e Critico de Arte.
MANUEL ALVES CORREIA — Missionário.
MANUEL MARQUES BRAGA — Prof. do ensino liceal.
MANUEL MENDES — Publicista e Critico de Arte.
MANUEL PERES — Direct. do Observatório Astronómico da Ajuda.
PAULO DE BRITO ARANHA — Cap. de Eng. Prof. da Escola Militar.
RODRIGUES LAPA.
RUI LUIZ GOMES — Prof. da Faculdade de Ciências da Univ. do Pôrto.

PLANO

1.ª Secção — CIÊNCIAS E TÉCNICAS

a) Matemáticas e Cosmologia
b) Ciências da Natureza
c) Ciências Biológicas
d) Ciências Psicológicas e Sociológicas
e) Filosofia e História da Ciência

2.ª Secção — ARTES E LETRAS

a) Literatura
b) Teatro
c) Pintura
d) Escultura
e) Arquitectura
f) Música
g) Artes menores
h) Cinema
i) Obras-primas da Prosa e da Poesia
j) Artes portuguesas

3.ª Secção — FILOSOFIA E RELIGIÕES

a) Filosofia
b) Religiões

4.ª Secção — POVOS E CIVILIZAÇÕES

a) Primitivos
b) Civilizações antigas
c) Idade média
d) Idade moderna e idade contemporânea
e) As principais potências do século XX
f) História de Portugal

5.ª Secção — BIOGRAFIAS

6.ª Secção — EPOPEIAS HUMANAS

7.ª Secção — PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO

a) Matérias primas
b) Regionais
c) Sociais

TODOS OS RAMOS DA CIÊNCIA
TÔDAS AS MANIFESTAÇÕES DA ARTE
TÔDAS AS QUESTÕES CONTEMPORANEAS
SERÃO TRATADAS NUMA LINGUAGEM
ACESSIVEL A TÔDAS AS INTELIGÊNCIAS

TODOS OS NOSSOS ASSINANTES PODEM INDICAR OS ASSUNTOS QUE DESEJAM VER TRATADOS

Cada volume, uma obra completa, cêrca de 128 páginas, ilustrado, capa em cartolina a 2 côres, 2$50

2 VOLUMES POR MÊS

PRIMEIROS VOLUMES

O HOMEM E O LIVRO — por M. Iline.
CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA MATEMÁTICA — por Dr. Bento Caraça.
GIL VICENTE — por Dr. Manuel Marques Braga.
ORGANIZAÇÃO DA MATÉRIA VIVA — Dr. Luiz Dias Amado.
HIGIENE DA ALIMENTAÇÃO — Dr. Ferreira de Mira.
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA LITERATURA — Dr. Adolfo Casais Monteiro.
PEQUENA HISTÓRIA DA POESIA PORTUGUESA — Dr. João de Barros.
INTRODUÇÃO À GEOLOGIA — Dr. Carlos Tôrre Assunção.
LUTA CONTRA A MORTE — Dr. Abel Salazar.
HISTÓRIA POPULAR DA MÚSICA — Luiz Freitas Branco.
O PETRÓLEO — A. Soares.
GIL VICENTE — Dr. Manuel Marques Braga.
O CINEMA — Dr. José Gomes Ferreira.
DARWIN — Dr. Alberto Candeias.
DIDEROT — Dr. Agostinho da Silva.
O CANCRO — Instituto Português de Oncologia.
MODERNAS TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO — D. Irene Lisboa.
A. B. C. DA GENETICA — Eng. Sousa Câmara.
O TRIGO — Eng. Henrique Barros.
MACHADO DE CASTRO — Manuel Mendes.
A ARQUITECTURA DO UNIVERSO — Dr. Manuel Peres.
ESBOÇO DA HISTÓRIA DA PINTURA PORTUGUESA — Adriano Gusmão.
O PROBLEMA DO OURO — Carlos José de Sousa.
O CRISTIANISMO — P.e Joaquim Alves Correia.
S. FRANCISCO DE ASSIS — P.e Manuel Alves Correia.
TELEFONIA — Eng.º Paulo de Brito Aranha.
PROMETEU AGRILHOADO — Esquilo-Trd. de Eduardo Scarlati.

TEMAS A PUBLICAR

Biografias dos grandes pintores, músicos, filósofos, reformadores sociais e condutores de povos — Vida dos heróis do laboratório e do microscópio — Os Grandes inventos que revolucionaram o Mundo — Terras longiquas, seus povos e seus costumes — As Grandes viagens marítimas — As grandes Explorações terrestres — A conquista da Estratosfera — A vida no fundo dos mares — A curiosa vida dos insectos — Estranhos costumes de certos mamiferos — A inteligência e a linguagem dos animais — Plantas venenosas e plantas medicinais — A familia e a sua evolução histórica — A mulher moderna, novos costumes e novos tipos — O Homem e a teoria da Evolução — Raças humanas — O corpo humano — Glândulas endocrinas — Origem e evolução da Moral — Religiões: Cristianismo, brahmanismo, budhismo, islamismo, israelismo — O racionalismo — Egoismo e Altruismo — Hipnotismo, magnetismo e sugestão — Superstições e bruxarias — Espiritismo — Deismo e ateismo — O pensamento dos grandes filósofos antigos e modernos — Tendências do pensamento contemporâneo — Que é a psicanálise? — Einstein e a teoria da relatividade — Instituições de economia social (cooperativas, mutualidades, sindicatos, etc.) — O corporativismo moderno — Orientação e selecção profissional, e organização cientifica do trabalho — Como se faz um romance — Como se faz um jornal — Nos dominios do direito penal (A pena e as modernas conquistas da ciência) — A criminalidade e suas causas — Delinqüência infantil — Regime prisional (Do presidio da Guiana e do regime penitenciário, à prisão sem grades de Warkefield, Inglaterra) — Fatalidade, livre-arbitrio, determinismo e vontade — O romance da aviação — O romance da T. S. F. — Urbanismo: a cidade do futuro — e mil outros têmas de história, politica, economia, ética, pedagogia, medicina e filosofia, interessantes, úteis e práticos.

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

Srs. Gerentes das Edições Cosmos
Rua do Loreto, 50, 1.º — LISBOA

Queira inscrever-me assinante da **Biblioteca Cosmos** na modalidade n.º ....
Nome ....
Morada ....

Modalidade:

1-2 volumes...........	5$00
2-4 »	10$00
3-6 »	15$00

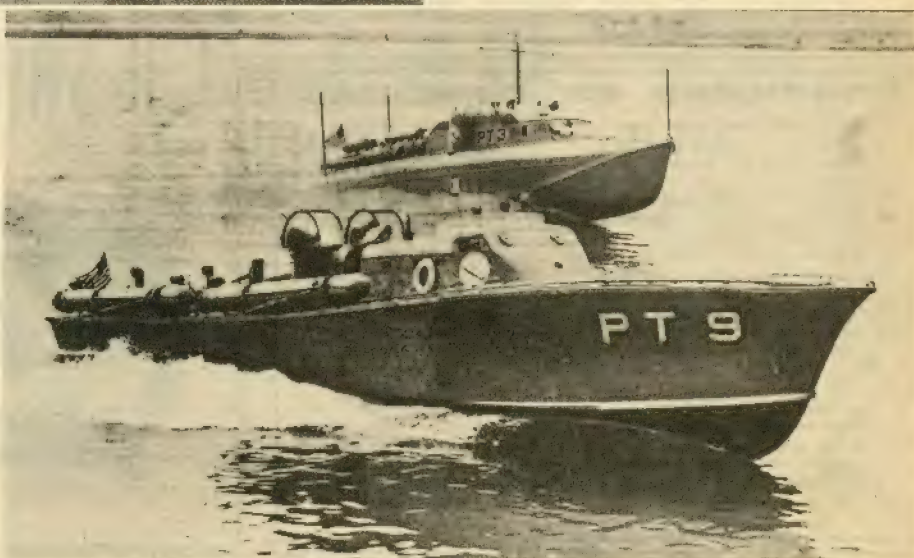
INSCREVAM-SE ASSINANTES: Estudantes, educadores e todos os que desejem adquirir uma sólida e prática cultura geral, preenchendo e devolvendo o boletim de inscrição, ou por postal para

EDIÇÕES COSMOS

Rua do Loreto, 50, 1.º — LISBOA — Telefone 22050

Novidades da AMÉRICA

A AMÉRICA DO NORTE REFORÇA A ESQUADRA DOS DOIS OCEANOS. *Os respectivos barcos manobram nos mares que circundam os Estados Unidos, enquanto novas unidades, provenientes de novas ideias sôbre a guerra naval, começam a entrar em experiências, após uma produção activada — intensificada ao máximo. O porta-aviões que reproduzimos aqui é o «Saratoga» — um dos seis que a América do Norte possui e de tipo idêntico aos dôze que estão em construção. Cada unidade dêste tipo, custa 45 milhões de dólares, tem 888 pés de comprimento, transporta 90 aeroplanos e 1.410 homens de guarnição e é armada com oito peças de oito polegadas e dôze de cinco. Em frente aos arranha-céus de Nova York, o «Saratoga» é bem o símbolo do poderio naval norte-americano, da fôrça da grande república.*

O TANQUE ANFIBIO *é uma das últimas novidades do equipamento naval dos Estados Unidos. Esta moderna máquina de guerra pode deslocar-se, na água, à velocidade de 10 milhas por hora e, em terra, a 25 milhas horárias. Transporta 16 homens, é completamente couraçado e armado de metralhadoras automáticas e canhões anti-aéreos.*

OS BARCOS TORPEDEIROS DENOMINADOS *«mosquitos» estão também a ser fabricados, em grande quantidade, para a esquadra americana e alguns dêles, foram, ao que parece, cedidos já à Inglaterra. Têm quatro tubos para torpedos e são armados com canhões ligeiros e metralhadoras. A sua tripulação é, apenas de 10 a 15 homens. A velocidade com que se deslocam é surpreendente. São a mais veloz máquina de guerra do Mundo — à excepção, evidentemente, dos aviões.*

PARTICIPE NO

GRANDE CONCURSO

DOS

20 MIL BRINDES

NO VALOR DE 100 MIL ESCUDOS

Promovido pela ALIMENTICIA, L.da, de Alcobaça, para introduzir no nosso País

NOVO ALIMENTO RICO EM NUTRAMINAS

MAIZ

FLÔR DE SOJA E FLÔR DE MILHO

cujos pacotes estão à venda nas mercearias ao preço de

ESC. 3$50

RELAÇÃO DOS PRÉMIOS

1.º — Prémio — Casa de jantar, quarto e escritório em estilo alentejano, 3 carpetes, 2 candeeiros e uma máquina de costura.
2.º — Prémio — 1 máquina de costura.
3.º — Prémio — 1 bicicleta.
4.º — » — 1 aparelho de rádio.
5.º — Prémio — 1 bicicleta.
6.º — » — 1 aspirador de pó sem electricidade, a última e mais fantástica novidade mundial.
7.º — Prémio — Idem.
8.º — » — »
9.º — » — »
10.º — » — »
11.º — » — »
12.º — » — »
13.º — » — »
14.º — » — »
15.º — » — »
16.º — » — »
17.º — » — »
18.º — » — »
19.º — » — »
20.º — » — »
21.º — » — »
22.º — » — »
23.º — » — »
24.º — » — »
25.º — Prémio — 1 aspirador de pó sem electricidade, a última e mais fantástica novidade mundial.
26.º — Prémio — Idem.
27.º — » — »
28.º — » — »
29.º — » — »
30.º — » — »
31.º — » — 1 bola de futebol.
32.º — » — 1 » » »
33.º — » — 1 » » »
34.º — » — 1 » » »
35.º — » — 1 » » »
36.º — » — 1 » » »
37.º — » — 1 » » »
38.º — » — 1 » » »
39.º — » — 1 » » »
40.º — » — 1 » » »
41.º — » — 1 serviço de jantar.
42.º — » — 1 serviço de café.
43.º — » — 1 serviço de chá.
44.º — » — 1 jôgo de faqueiro.
45.º — » — 1 » » »
46.º — » — 1 » » »
47.º — » — 1 » » »
48.º — » — 1 máquina fotográfica.
49.º — Prémio — 1 máquina fotográfica.
50.º — Prémio — 1 bilhete inteiro de lotaria.

De 51 a 20.000 — Canetas de tinta permanente, cuecas de borracha para bébés, aventais de borracha, toalhas de mesa americana de oleado, tesouras, óculos modernos contra o Sol, frascos de boa perfumaria, caixas de pó de arroz de marca, pentes norte-americanos de diversos formatos e côres, cueiros de borracha para bébés, etc.

Condições do Concurso

1.º Cada participante pode mandar tantas respostas quantas desejar, podendo receber um prémio.
2.º No verso de cada pacote de MAIZ encontra-se o impresso que terá de preencher.
3.º A única pregunta é: Quantas respostas haverá ou quantas pessoas participam no concurso?
4.º Não é preciso acertar o número exacto dos participantes, sendo os 20.000 prémios distribuidos entre os concorrentes que mais se aproximarem. Dos 20 mil brindes, 50 serão por ordem de aproximação do número exacto e os 19.950 restantes por sorteio.
5.º O concurso começou no dia 15 de Maio e termina no dia 31 de Julho, sendo contados os votos que levam o carimbo do correio até ao dia 31 de Julho, às 0 horas.
6.º As respostas devem ser dirigidas a A. F. Pereira, Ltd.ª, Rua Bernardino Costa, 19, em Lisboa.
7.º O sorteio realiza-se no dia 10 de Agôsto do ano corrente.
8.º Os premiados serão avisados pelos jornais, que lhes indicarão o estabelecimento da sua terra onde podem retirar os prémios.
9.º O sorteio será público.
10.º No caso de haver mais de uma resposta que dê o número exacto, o primeiro prémio será sorteado entre elas, seguindo-se os outros prémios imediatos.

O QUE É MAIZ

MAIZ é uma farinha muito fina, extremamente fácil de digerir, tão fácil que se pode dar aos bébés para o desmame, aos fracos para fortalecê-los, aos doentes para alimentá-los, aos anciãos para manter as fôrças, e a todos os gulosos porque sabe muito bem.

A digestibilidade da soja é tão fácil, que mesmo os doentes de úlceras do estômago e do duodeno, a suportam muito bem e recuperam ràpidamente as fôrças.

Sem dúvida é uma fotografia feita com película Super Panchro C. S. S.

"ferrania"

J. C. ALVAREZ, L.DA

TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

205, RUA AUGUSTA, 207—LISBOA

Enfim!!! Chegaram os

MODELOS DE 1941

DAS

Máquinas de Escrever

L. C. SMITH

E

CORONA

Desde 1.200$00 Esc.

As mais perfeitas da actualidade

FACILIDADES DE PAGAMENTO

DISTRIBUIDORES GERAIS

SOC. DE COMERCIO INTERNACIONAL, L.DA

LISBOA — Rua de São Nicolau, 113 — Telefone 21578

Ha ainda algumas agências disponiveis

HUMORISMO

A Pensão da rua da Paz

por Armando Ferreira

MAL os jornais comunicaram que a guerra era coisa certa na Europa, o Albuquerque, da Rua da Paz, 100, 3.°, sem primeiro averiguar das novas condições da luta, preparou-se para seguir as pisadas do padrinho Simões, que, durante a outra guerra, passou de dono duma tendinha a administrador duma Emprêsa formidável, e de magro depositante da Caixa Económica a gordo capitalista no Banco da Economia.

O Albuquerque, da «outra», só aproveitára a viagem, como sargento, até França, donde regressára a falar aquele francês prático e guerreiro que o impunha na roda dos seus conhecimentos bairristas.

Agora, reformado e cheiinho de prática da vida, é que ia desforrar-se da insignificância em que a paz o obrigara a vegetar.

— Prudência — disse êle à mulher — prepara-te para deixar êste miserável 3.° andar! De hoje a um ano, estamos instalados nas Avenidas Novas, e talvez donos de um «chaléte» nos Estoris! Vou alugar um armazém para arrecadar coisos...

— Em que vais negociar, homem?

— Em tudo. Carvão, sabão, farinhas, conservas... Daqui a três mêses, está tudo dez vêses mais caro e a gente até mete automóvel!

Três mêses depois, Albuquerque andava de orelha murcha, e há um ano dizia a quem o quisesse ouvir:

— Esta é a guerra mais estúpida que tenho visto! Até mete raiva! Não há «liberdade» de comércio, nem falta coisa nenhuma! Além do prejuízo que tenho tido em bandeirinhas e mapas!...

Cumpre explicar que o Albuquerque, como era militar reformado, gostava de ler os comunicados, debruçado sôbre as cartas geográficas das regiões, onde espetava bandeirinhas para melhor seguir os avanços e recúos dos contendores:

—Mal compro o mapa dum país, e começo à procura duma terra — **záz** — já aquilo acabou e fico eu sem entretenimento para os serões. Isto assim nem dá gôsto!

Uma manhã, porém, a Prudência fêz-lhe brotar a idéia redentora:

— Queres saber uma boa? A D. Engrácia, disse-me que veio de Lavos... Tu sabes onde é Lavos?

— Lavos? Sei lá onde é Lavos! Narvique, Valona, ou Sollum sei eu onde são, agora isso...

— Pois, de Lavos veio uma criatura de propósito para pôr uma pensão lá no prédio dela, e tem-se farto de ganhar dinheiro. Ora, eu lembrei-me que nós podíamos experimentar. Tu falas estrangeiro, a casa tem seis quartos...

— Oh! Eureka!

— Não me chames nomes, homem!

— Que negócio! Aqui para êste bairro não há nada. Põe-se uma taboleta, deita-se anúncio, e pronto. Como se há-de chamar? Pensão Familiar? Não. Um nome que eles percebam todos. Pensão Paz? Não pode ser. Ah! **«Pensão Europa. Sossêgo e confôrto moderno». Voilá...**

* * *

Ao fim de pouco tempo, a pensão estava cheia.

Não eram bem os refugiados ricos, príncipes e milionários, que êle tinha pensado, mas era tudo gente limpa e que pagava regularmente.

Um marinheiro enorme, dum navio americano em estação no Tejo e que não se dava com os outros hóspedes; um japonês, sempre sorridente e pequenino, que vendia gravatas e molas para colarinhos; o senhor Levy, que à falta de outros objectos, negociava em vistos nos passaportes para o Equador e Cuba; uma senhora divorciada, a Dona Mariana, que sofrera uma grande operação e andava a apanhar pontas de fogo nas costas; o senhor Albino, caixeiro viajante, sempre de meias de fio de Escócia e fatos de autêntico «cheviote» inglês, que, nas horas vagas, era pintor,

— A menina desculpe, mas eu cá em casa não quero sarilhos...

e cujo maior orgulho era mostrar as suas «marinhas»; uma espanhola, a D. Pepa, nova e bonita, mas magrita porque estava ainda a convalescer das tareias dum «chulo» com quem vivera; um casal, que ocupava o quarto grande ao centro da casa — o senhor Germano, engenheiro ou construtor (pelo menos andava sempre com muitos projectos) e a sua senhora, a Dona Cecília, a alegria da pensão, porque passava os dias a cantar e a afinar a voz; e, finalmente, um tipo atarracado, de cabelos ruivos, que não falava a ninguém, e com quem a D. Prudência embirrava solenemente e tratava, com desprêso, pela alcunha de «o ruço».

O ideal do Albuquerque é que todos vivessem contentes e fôssem amigos. Mas, a primeira vez que Levy viu no corredor o Germano, e soube que êle estava lá hospedado, foi logo prevenindo que talvez se fôsse embora:

— Eu conheço êste sujeito. É um conquistador terrível. Apaixona-se por tôdas as mulheres que vê e... a bem ou a mal, o que quere é seduzi-las.

O Albuquerque não fêz caso, e reflectiu: «Pois sim, tu que dizes isso é porque lhe fizeste alguma judiaria e agora estás com mêdo do ajuste de contas.»

Mas, realmente a vida cotidiana começou a emaranhar-se, principalmente às refeições.

Os menús, como o de tôdas as pensões, não eram muito variados, no entanto não havia grandes reclamações. O senhor Germano, é que um dia começou a protestar:

— Estamos fartos de «bifes»! Não acham? É sempre o mesmo prato! Queremos salchichas, ou outras comidas, mas basta de «bifes» a tôda a hora!

Os outros não gostaram de se salientar e, por isso, limitaram-se a encolher os ombros. Mas o Germano reparou, então, que a Dona Mariana tinha um pratinho de rosados camarões em frente, e alegrou-se:

— Vá lá que hoje, ao menos, temos aperitivos.

— Perdão, perdão. Os camarõezinhos são meus. Não são da Pensão!

— Queira desculpar. Mas realmente nós somos tão mal tratados... Tratados? Eu disse tratados? — e fêz uma cara muito zangada.

Era um pouco injusta aquela crítica, porque o que havia principalmente era muito apetite em todos os comensais.

Até o japonês das bujigangas, apesar de pequeno, era muito guloso; todos os dias, ao fim do jantar, se batia «com uma fatia da China»!

Ao Albino, com os seus afazeres—como andava sempre a correr dum lado para o outro, na sua vida — sucedia-lhe com freqüência chegar tarde, e já o Germano ter comido tudo.

Começava então a altercação enquanto, em silêncio, «o ruço», do canto da mesa, se deliciava a vê-los à bulha.

O estado de nervosismo começou a ser tão grande entre os hóspedes da Pensão Europa que o menor incidente punha a mesa em sobressalto.

Qunado veio, no domingo, o peixe espada grelhado, a Dona Cecília, preguntou em voz alta:

— Há cá limões?

Passou um arrepio pelos hóspedes. A Dona Pepa, dizendo que o almôço lhe caía na fraqueza e receava uma indigestão, recolheu aos aposentos, e a Dona Mariana suspirou fundo e arranjou também um pé para se retirar.

O Albuquerque já dizia mal à sua vida, aflito com o negócio que arranjara, principalmente, quando, à noite, ia à dispensa ver as comedorias que restavam para alimentação daquela gente tôda. Nada escapara ao seu bom apetite. Tudo quanto punha na mesa marchava; à excepção do «petit suisse» que, caso estranho e consolador, estava sempre ao centro da mesa, mas em que ninguém tocava!

* * *

Além do problema da alimentação, outro afligia o Albuquerque: a roupa suja. Era uma coisa por demais o que aparecia todos os dias.

A Prudência não dava conta, nos alguidares de zinco, da lavagem de tôda a roupa dos hóspedes e da pensão.

Desculpou-se na casa de jantar, entre os hóspedes, da exigüidade dos recursos para poder mudar de guardanapos e toalhas todos os oito dias, e o Germano, prático e resoluto, explicou logo:

— Tanques... tanques é o que é preciso.

Chegou a propôr que cada casal tratasse da sua roupa, mas o «ruço» qu. dava o cavaquinho por sarilhos, disse logo:

— Eu, «se lavo», é que dou cabo de tudo!

E o Albuquerque teve mais aquêle problema para resolver.

Mas, o fim dos fins foi quando a Pepa, que havia um tempo lhe sorria com os seus grandes olhos negros, muito quentes e pestanudos, lhe disse uma noite:

— Ando aborrecidíssima. O Germano diz que está apaixonado por mim. Estou tão farta de amores violentos. Albuquerque, você é bom e sentimental...

Albuquerque, que era a fidelidade em pessoa, senhor de bons costumes, viu um novo problema na sua vida! Ah! como era difícil qualquer negócio no tempo presente! Pôs os olhos no chão, esquivou-se e, dali por diante, começou a evitar encontrar-se a sós com a Pepa. E ela a ser perseguida pelos galanteios de todos, e cada vez mais a olhar para êle.

Até que se resolveu. Foi ter com ela, às escondidas da mulher, e disse-lhe, com visível embaraço:

— A menina desculpe, mas eu cá em casa não quero sarilhos. Gosto de viver em paz com todos... e, nós só podemos ser bons amigos; não pense em mim para aventuras amorosas... Em primeiro lugar, por causa da minha Prudência, e depois porque... já estou velho para amores, sou neutro, percebe? E sinto-me muito feliz com êste estado. Não sei se a menina está a compreender?!

O MELRO E A PRIMAVERA

De Ramada Curto

que pune e que perdoa. E eu, pensando isto, teria razão contra o Criador dos bichos infelizes, que se tivesse esquecido dêles e os tivesse criado para sofrer.

Nesta altura das minhas reflexões o canto do pássaro é tão irónico que eu desconfio que êle está a troçar comigo e com as minhas especulações filosóficas. E desculpo-me «in mente», digo-lhe assim:

— Não faças caso, melro. Tôda esta especulação teológico-moral é culpa da Primavera. Eu ainda não almocei, melro, e sou sóbrio. E fica sabendo, meu trocista, que também não sou inteiramente idiota. Sou um razoável professor de matemática e ciências naturais. Há muitos sujeitos importantes, cujo nome é hoje ilustre e respeitado, que foram meus discípulos e que ainda hoje me tratam com consideração. Isto, acredita, é a reacção da sensibilidade dum velho ao explendor dêste dia de Abril. É êste sol, é êste céu, é o perfume dêste ar que me põe em simpatia enternecida com tudo, com a paisagem do rio, com as gaivotas, com as árvores floridas, com os teus colegas pombos que eu oiço arrulhar nos buracos do muro velho que há ao lado do meu quintal, e até contigo que és um pássaro preto, sem nenhuma espécie de categoria. É possível que tu sofras, não o contesto. Mas eu tenho sofrido mais do que tu e tenho outras responsabilidades. Tenho, além disso, a consciência que já falta pouco para eu deixar de ser o sr. José Maria, professor de ensino livre e tu não sabes esta coisa elementar — que acabas, que terminas, que deixarás de assobiar e de dar pulos em breve, e passarás a ser no chão da tua gaiola um punhado de penas pretas, coberto de formigas. A ti a Primavera dá-te para assobiar porque és novo. A mim dá-me para estar ao mesmo tempo alegre e triste, vê lá tu...

E depois dêste discurso mental dirigido ao ironista de bico amarelo, com a minha melomonia crónica, ponho-me a cantarolar a minha velha romanza italiana...

«Vorrei morire n'ela stagion d'el anno
Quando é tepida l'ária e il ciel sereno...

E vou por aí adiante; quando as andorinhas fazem o ninho, quando o campo se cobre todo de novas flores...

— Meu Deus, eu vos peço que, ao chegar a hora final, deixeis que os meus olhos vejam ainda, uma última vez, a beleza e o explendor da última Primavera na terra, obra magnífica das tuas mãos!!

E depois desta súplica mental que formulo, sinto-me tão não sei como, que até me parece que tenho os olhos razos de água — ao mesmo tempo que me ponho a sorrir de me ver neste estado.

(Conclusão da pag. 2)

EM XUNG-KING, «capital da China livre», o generalíssimo Chang-Kai-Chek, chefe de todos os exércitos que se opõem ao invasor, continua o seu plano de resistência, disposto a lutar até ao fim pela libertação do solo pátrio da influência e do domínio do estrangeiro. Na sua residência, Chang-Kai-Chek e sua mulher — preciosa auxiliar em todos os seus empreendimentos patrióticos e figura de grande evidência na política — lêem uma carta de Roosevelt, cujo retrato se vê, em lugar de honra, na sala.

A MOCIDADE CHINESA, numa parada recentemente efectuada em Xung-King, demonstra a sua fidelidade a Chang-Kai-Chek e dá-lhe a certeza de que não lhe faltarão soldados para a luta que empreendeu. A ocupação japonêsa estende-se, desde a China do Norte, às regiões de Nanquim, Hankeu, Cantão e Hainão. Depois do último acôrdo com a França, após o conflito entre o Sião e a Indochina, pode dizer-se mesmo que todo o litoral até ao golfo siamês, se encontra sob a dominação nipónica. Mas Chang-Kai-Chek não cede. E a guerra, principiada há anos, prossegue nas várias «frentes», onde o avanço de grande número de soldados japoneses é sempre teimosamente dificultado.

EM SCHENECTADY, NA AMÉRICA DO NORTE

fala em português o locutor

Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga, nome popular entre os milhares de auditores brasileiros, é muito ouvido em Portugal. Fêz os seus estudos no Colégio Militar do Rio de Janeiro, trabalhou na Secretaria de Finanças do Estado do Rio e no Ministério da Agricultura, antes de ir para os Estados Unidos trabalhar na estação de Shenectady

OIÇA América! Oiça os noticiários em português, mas oiça-os bem, servindo-se dum Philips 1941. A nova série Super 4 atinge uma perfeição até hoje desconhecida: as ondas curtas adquiriram uma estabilidade de recepção e um som próprios para a escuta de emissores muito distanciados.

Luiz Gonzaga é o locutor dos noticiários, das «Viagens pela Rádio» e da «Voz dos Ouvintes» assim como das crónicas jornalísticas «Conversa fiada».

PEÇA AO REVENDEDOR MAIS PRÓXIMO UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO, OU NAS SALAS DE EXPOSIÇÃO PHILIPS — AVENIDA DA LIBERDADE, 3 — LISBOA — AVENIDA DOS ALIADOS, 151 — PORTO

RECEPTORES

DESDE 750$00

A VOZ DE LONDRES

NOTICIARIO EM LINGUA PORTUGUESA

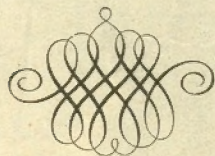
Hora de verão		Ondas médias	Ondas curtas
13,15	Noticiário	—	... 13,86 m. (21,64 mc/s)
			... 19,76 m. (15,18 mc/s)
13,30	Actualidades	—	... 24,92 m. (12,04 mc/s)
			... 24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00	Noticiário	285,7 (1.050 kc/s)	... 31,32 m. (9,58 mc/s)
			... 31,55 m. (9,51 mc/s)
			... 31,32 m. (9,58 mc/s)
22,15	Actualidades	285,7 (1.050 kc/s)	... 31,55 m. (9,51 mc/s)
			... 41,96 m. (7,15 mc/s)

Um dos estúdios donde são transmitidos os noticiários em português.

Paris
Sob a ocupação alemã

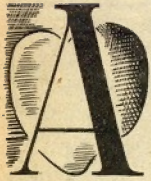
UMA BANDA DE MÚSICA PERCORRE AS RUAS DE PARIS, à frente dum destacamento de fôrças do Reich. Quebra-se, por momentos, a monotonia da vida parisiense. Na realidade, a grande cidade francesa é hoje uma das que têm menos ruídos. Quási sem circulação automóvel — em virtude da falta de gasolina — sem uma sombra da sua vida nocturna de outrora, Paris vive em sossêgo, numa quietude estranha, uma nova existência.

NA ESPLANADA DUM CAFÉ DE PARIS, um soldado alemão — alheio às conversas das pessoas que o rodeiam e que falam uma língua que ainda não lhe é familiar — lê o «West Front», o jornal especialmente feito para as tropas alemãs de ocupação, e bebe uma cerveja — a bebida que lhe lembra a sua terra distante.

NO TERRAÇO DUM ALTO EDIFÍCIO da cidade, instalou-se uma bateria da D. C. A. alemã. Peças anti-aéreas do mesmo tipo estão colocadas em muitos outros pontos estratégicos de Paris, na defesa contra eventuais ataques de aviões inglêses. Ao fundo, à esquerda, a Tôrre Eifel, símbolo da capital.

SOLDADOS ALEMÃIS ADMIRAM A SALA DE ARMAS DE VERSAILLES, que Napoleão I engrandeceu. Estas visitas aos monumentos da grande cidade são muito do agrado das tropas de ocupação. Nelas e nas compras em vários estabelecimentos parisienses, empregam os soldados do Reich a maior parte das suas horas de descanso. Os alemãis compram de tudo em Paris, especialmente perfumes e meias de seda — para enviar às mulheres que os esperam, lá longe, na Alemanha. E não têm muita dificuldade em o fazer porque os artigos têm os preços marcados em moeda alemã.

Um beijo ao luar

por Mary Love

ESPECIAL PARA «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

LEGRE, linda, uma chama viva no olhar como se subisse de certa fogueira interior, Katy, vinte anos, morena, delgada, flexível como bambu que o vento faz ondular, uma mocidade radiosa, desabrochando vigorosa e forte, entra, como um vendaval, pela porta que acabam de lhe abrir.

— Onde está a minha avó francesa?

Uma voz doce, musical, voz que através dos fios de um telefone podia parecer de uma menina, respondeu:

— Aqui, no meu cantinho, Katy!

Mas a pequena só fêz a pergunta, certamente, para ter o prazer de lhe ouvir a voz, porque fêz a seguir a sua entrada, atirando-se, num ímpeto, sôbre a querida vítima que suplicou:

— Piedade! Piedade, minha selvagemzinha. Oh! esta mocidade é implacável até na ternura. Vocês amam como guiam automóveis. E tu, querida, como laçavas poldros, na tua Califórnia...

Katy, entre dois beijos, disse:

— Adoro-te, avòzinha francesa!

A avó preguntou:

— Posso saber porque me citas sempre a nacionalidade? Dizendo avó, creio que ficava tudo dito. Algum dia, mal me vês, cantas a «Marselhesa»!

A neta replicou, muito grave:

— É que eu tive outra avó, mãi de minha mãe, que me deu uma ternura igualmente grande e a quem eu queria muito quando era criança. Hoje, por sinal, sinto-me disposta a amá-la ainda mais, e a ti, querida, e a todo o mundo... até aos inimigos.

A sua interlocutora concluiu:

— Talvez por sentires dentro de ti um amor colectivo, a verdade é que estás hoje mais linda...

— Mais mulher, talvez?

A senhora de Ferney respondeu:

— Isso mesmo, mais mulher. Tens razão. Mudaste muito de expressão nesta eternidade de um mês que passei sem te ver...

Katy corrigiu:

— Vinte e oito dias, se fazes favor.

— É possível, mas eu, para ser justa, devia ter então contado vinte e oito meses. Um dia, para os velhos, equivale a um mês para a mocidade. Mas é tempo de me deixar dêste feio hábito de filosofar. Vamos ao teu caso. Conta-me tudo.

A neta riu:

— Tudo o quê, avó?

— Deixa-te de disfarces...

O rosto de Katy tornou-se rubro como uma papoula e foi com certo embaraço que respondeu:

— Tenho vinte anos, avòzinha...

— Se tivesses oitenta é que me parecia uma exorbitância, embora os filósofos e, principalmente, os namorados afirmem que não há idade para amar. Vinte anos, disseste? Chega. — E, num sorriso malicioso, acrescentou: — Para a senhora tua avó aqui presente, não foram precisos tantos. E olha que amei bem.

— Muito? — quis saber Katy.

Ela encolheu os ombros:

— Ora... por tôda a vida. Não foi muito, realmente, apenas 57 anos. Será de uma coisa parecida que se trata?

Os óculos da senhora de Ferney rolaram para o chão, de tal forma foi impetuoso o abraço de Katy.

— Como és inteligente, avòzinha... É exactamente de uma coisa assim que eu quero falar-te. «Por tôda a vida». Ah! é a mais linda frase do mundo.

— Até mesmo quando dura apenas uns momentos, mas é, sim... Olha, filha, apanha-me os óculos, tem paciência, — pediu. — quero ver-te bem. Agora, olha muito séria para mim.

A neta, obediente, ajoelhou a seus pés:

— Aqui me tens.

Serenamente, a senhora de Ferney pôs os óculos, ergueu a cara de Katy com as pontas dos dedos e perscrutando-lhe os olhos onde a labareda subia cada vez mais, concluiu:

— Estás apaixonada, não há dúvida nenhuma. E isso, filha, deu-te de repente?

— Não faça troça...

A boa velha encolheu os ombros:

— Que admira, se és mulher! Eu ainda morro pelo mesmo e já quási deixei de o ser. Mas não estava a troçar, crê. Como médico sabedor, indago os sintomas do mal, mais nada. Responde, anda, isso deu-te de repente?

A pequena iludiu a resposta.

— Não percebo o que queres dizer!

— Pregunto se isso te deu de repente. É simples. Assim como a febre nos assalta às vezes sem haver uma razão plausível. Um mal estar inesperado que nos obriga a dizer: «É esquisito, não sei o que tenho». Em 70 anos de vida já ouvi isto de tôdas as bocas. Vamos, conta, foi assim?

— Avó! — suplicou Katy envergonhada.

Ela não desistiu:

— Não estou a brincar, não. Ora escuta, isso deu-te tal como quando um raio de sol nos bate de repente nos olhos e nos cega? Ou foi assim como quando o luar nos inunda, nos alaga, nos veste de sonho a ponto de nos imaginarmos sêres irreais, capazes de tudo, dignos de mais ainda? Seria por acaso assim como se um coração saltasse de outro peito para dentro do teu e passasses a sentir o bater dos dois e logo começasses a gozar duas alegrias, a sofrer duas dores, a viver duas vidas, a morrer duas mortes?

A neta soltou um gritinho de júbilo:

— É assim! É assim! Adivinhaste! É justamente como se tivesse dois corações no peito.

— E qual foi o peito que ficou vasio?

— Tu brincas, avó, com uma coisa tão séria!

— Não brinco, agora falava até sério de mais. Infelizmente, é raro que, quando num peito batem dois corações, não haja outro que ficou vasio... mas deixemos ao tempo o encargo de te ensinar estas coisas tristes. Queres dizer-me quem é o feliz?

A pequena balbuciou:

— O Roger...

— O doido do Roger! O teu tutor! Um senhor que já se permitiu o luxo de fazer 35 anos em pleno celibato? O peito dêsse deve ser, pelo menos, uma vala comum... Tu gostas dêsse maroto? É curioso, és exactamente da minha opinião, que sempre tive um fraco por êle!

— Eu gosto, avó! — confessou a rapariga.

O rosto da senhora de Ferney tornou-se sùbitamente sério:

— E... a mãe dêle... as irmãs... que dizem?

— O que a avó sabe... Que eu sou mestiça, brava e mal educada... Mas é dêle que eu gosto. Ah! avó chego a acreditar agora que não foi o sol do meu país que me crestou a pele e me fêz assim morena, mas sim esta fogueira que arde, dentro de mim.

— A minha colega e tua avó feiticeira é a causadora dêsse excesso de ardor. Hereditariedade, fatalismo, como dirá a minha nora... Olha lá, pequena, e êle?

— Êle...

— Ama-te, bem entendido, olha o favor! Mas como é que vocês se explicaram, onde demónio tinham êsse amor guardado! Se bem me lembro, desde que tu chegaste, há dois anos, que vocês se detestam o menos cordealmente possível.

A pequena bateu as palmas:

— Pois aí é que está... Já vais perceber tudo, mas, para isso, tenho de te falar primeiro dum facto da vida dos meus antepassados. Conta-se que a minha avó índia, antes de casar, ao ver que o seu coração a levaria a entregar-se inteiramente e por tôda a vida ao homem a quem amava, sabendo, como o fatalismo da sua raça, que ninguém foge ao destino e o seu era abdicar da sua liberdade em favor daquele a quem amava, preparou o veneno que lhe daria a beber na primeira ocasião que se lhe oferecesse. Mas, quando ela chegou, ao vê-lo levar aos lábios o copo que continha a morte, tirou-lho das mãos, como louca, e bebeu parte dêle até cair desmaiada de emoção. Não teve coragem para o perder, ficando rica e... livre.

Os olhos da avó abriram-se desmedidamente:

— E como é que ela resistiu a tanto veneno?

— Êle compreendeu o seu gesto e fê-la voltar à vida.

A boa senhora olhou-a, assustada:

— Olha lá, rapariga, espero que não vás dar cabeças de fósforos ao desgraçado Roger... para lhe provares o teu amor!

— Não, sossega. Mas também não foi por lhe fazer bem que percebi quanto gostava dêle. Avòzinha, fecha os olhos e escuta. O que eu vou dizer deve ser para ti assim como um sonho de que não deves recordares-te mais, senão tenho vergonha.

— Pronto, conta então, morro por saber — disse ela fechando os olhos. Ah! como eu sou ainda mulher! Mas antes de adormecer, deixa que te diga que o amor não é vergonha, àquele que tem a ventura de o sentir deve confessá-lo orgulhosamente.

— Eu não tenho vergonha do amor, mas de ti, avòzinha... Ora escuta: Sabes que foi quási à fôrça

Adivinhaste! É justamente como se tivesse dois corações no peito.

que o pai me obrigou a vir para a Europa. Queria a sua filha uma civilizada como todos os de Ferney, e tive que ceder embora me revoltasse. Eu, aqui, nunca poderia ser uma criatura de «élite», por muito que me educassem... É que, esta côr **morena que** tu achas deliciosa é uma prova indelével desta verdade quási criminosa: eu sou uma **mestiça**. Oh! mas com que orgulho! Sabes lá como eu adoro a fôrça, o vigor, a ância de vida, a embriaguês de liberdade que me corre nas veias, legados dêsse sangue diferente do teu, avòzinha, do teu puro sangue francês, muito azul, muito nobre! Sei amar e odiar, querer e desprezar, com fogo. Mas não soube resistir à vontade do pai e cá estou. Êle não pode vir, tem que ficar para sempre no lugar onde repousa a mãizinha... É que êle amava-a muito.

«Como não ignoras, desde que vim para França, pouco tenho convivido com o Roger, que anda sempre a viajar, como fera sedenta de espaço. Sabes também que, entre mim e o meu tutor, existiu sempre um desacôrdo perfeito.»

A avó pediu:

— Deixa-me acordar um bocadinho, filha, só para dizer uma palavrinha: um desacôrdo **imperfeito**, se dás licença. A tua rebeldia tem **exasperado muito** vez o pobre Roger.

A pequena riu:

— Se prefere... não me oponho. Mas a verdade é que pouco temos privado, apenas o tempo para não estarmos de acôrdo. Saí do colégio há seis meses. Segundo parece, deram-me por definitivamente **civilizada**. Vivi cinco ao pé de ti — durante os quais o meu tutor andou em viagem. Creio que aquela idiotia, se chama por cá **neura**... Um mês antes dêle chegar, como estávamos no verão, a mãi do meu tutor e tua nora levou-me consigo para a Bretanha. O Roger chegou pouco depois. Um dia, estava **eu** na sua quinta, num lugar deliciosamente solitário, estendida no chão, com os olhos abertos, fitando o sol para lhe provar que o podia fazer **sem chorar**. É um exercício de fôrça de vontade, entre nós, os mestiços. Quem o pode conseguir, fica com a certeza de que terá coragem para enfrentar a vida... e vencê-la.

— Como desporto, na Europa usa-se mais o tennis, disse a vó, sem abrir os olhos.

Katy continuou:

— O Roger, devagar, talvez para que o **não pressentisse**, aproximou-se. Fitei-o, sem me mexer. No seu olhar havia desdém e ironia. Por fim, disse:

— Em França não se adora assim o sol, nessa atitude, Katy!

Ergui-me de um salto e exclamei:

— Em França as mulheres usam adorações bem diversas, eu sei. Mas, entre adorar parvoices de salão ou o meu amigo Sol, não hesito...

— Pode abster-se de ambas as coisas, disse êle.

Detestei-o nesse momento, mais à sua lógica implacável e protestei:

— Quem mo poderá proibir?

— Em nome das boas maneiras, eu, **que** sou **seu** tutor.

Cresci para êle como para um adversário:

— Se me acha deslocada neste cenário, mande-me para a América, estou farta do espectáculo que me oferecem a vossas mulheres, essas que correm atrás de si na ância de encontrarem marido ainda que seja neura... e petulante. Se um homem olhasse para mim como o Roger as olha, com tanto desdém, eu...

— Que fazia? — indagou êle numa impertinência odiosa.

Obedecendo a uma ordem interior, ergui o braço com ira e bradei:

— Batia-lhe!

Êle segurou-me o pulso com dois dedos e obrigou-me a baixar o braço, dizendo:

— Eu não deixava, assim como não deixarei tudo que julgar inconveniente da sua parte.

«Então, avòzinha francesa, não fui eu, foi a minha avó índia, todos os meus antepassados selvagens que venceram os senhores de Ferney e ditaram o meu gesto. Foi mais uma vez o oprimido, revoltando-se contra o opressor, que me fêz cravar os dentes, implacàvelmente, na mão de Roger...»

«Êle não gritou, mas senti a sua mão contorcer-se, tentando libertar-se. Quando abri os dentes, o sangue corria...»

«Ai, avòzinha, não fui eu, juro-te, eu a quem tu e as mestras têm civilizado que falou, porque eu seria incapaz de dizer àquele vaidoso que o amava... Foi a minha raça que falou por mim, acredita. É que, ao ver-lhe o sangue, o meu velho ódio desapareceu como por encanto e surgiu outro sentimento indefinido. Os meus lábios, num movimento impulsivo, juntaram-se à ferida que sangrava enquanto dos meus olhos caíam lágrimas em fio.»

«Êle, muito pálido, mas sem severidade, desprendeu a mão, dizendo:

— Magoou-me, Katy. Porquê?

«Posso jurar-te, avòzinha, que eu não disse nada, foram as palavras que saíram sòzinhas, ou então foi a outra avó que as pronunciou dentro de mim. Agarrando num gesto desesperado a mão que êle retirava, solucei:

— Eu não queria fazer-lhe mal, Roger, não fui eu, foi êste ódio sem razão, talvez. Perdoe-me, nem em criança ninguém me obrigou nunca a pedir perdão e a si peço. A culpa foi sua, do seu sorriso frio, do seu desdém. Eu gosto de fazer tudo quando me pede, o que não quero, é que saiba quanto gosto de lhe obedecer. É isso que me revolta, esta submissão consciente e boa... muito boa. O Roger nunca deu por isso, talvez. É natural, tem os olhos cheios de beldades, eu sou apenas a pupila, a **mestiça** — feia, sim, sei que sou feia, dizem-no tôdas essas que o adoram como se Você fôsse um Deus... e elas tivessem muitos pecados a fazer perdoar. E tudo isto só porque o Roger tem uma voz que parece música do céu. A mim nem me vêem, desprezam-me quási, e têm-me inveja porque o meu tutor tem o dever de se ocupar de mim... Eu sei que sou feia, sim, dizem-no todos: sua mãi, suas irmãs, tôdas essas que são brancas e frias, e me desprezam porque o sol da minha terra, o sangue ardente dos meus avós me crestou a pele. Para si, bem sei que também não valho mais, sou a **prima**, a **mestiça**.

«Êle soltou a mão que eu segurava entre as minhas e, agarrando-me bruscamente pelos ombros, mergulhou os seus olhos nos meus. Só depois de um grande momento falou:

— Eu, achá-la feia, Katy! Quem lhe disse isso?

— Os seus olhos, respondi.

— Os meus olhos enganam-na... talvez para se enganarem.

«Eu nunca tinha ouvido falas de amor, mas aquilo, avòzinha, era Amor, com certeza. Nem podia acreditar nos meus ouvidos, mas então o meu instinto ensinou-me a ser mulher. Era preciso que êle dissesse mais... que dissesse tudo sem que eu tivesse...

— De lhe morder a outra mão, respondeu a avó **acordando** e olhando-a com assombro... Singular maneira de amar tem a gente moça!

— Talvez... Então, eu disse-lhe:

«Bem sei, Roger, porque não gosta de sair comigo a cavalo, de me escolher para seu par, nos bailes. É porque sou feia, porque os meus pés são grandes...

— Para melhor caminharem para a felicidade, Katy, disse êle numa voz nova, que nunca lhe tinha ouvido.

«Mas eu só queria falar, falar, falar. Era assim como...

— Se te tivessem dado corda. O amor, pequena, é um relógio que só pára quando se parte a corda — disse a avó.

— Deve ser assim, deve. Pois foi obedecendo a êsse desejo de me ouvir, como se uma ânsia de expiação me tivesse acometido, que continuei:

— Bem sei que tenho umas mãos grandes, feias, onde os seus lábios nunca pousaram, como nas das outras mulheres...

— São talvez grandes, Katy, para melhor poderem guardar um coração — disse êle.

«É bem possível que tu, minha avó francesa, fôsses incapaz de fazer o que eu fiz, mas olha que o meu gesto não me faz envergonhar da outra... E, afinal, talvez fôsse apenas a minha alma que se tornou voz e disse:

— Um coração! De quem, Roger!

— O meu, êste que pulsou por ti, mal os meus olhos te viram — respondeu. Mas tu és uma criança e eu tenho...

— A idade do amor — respondi, sem dar por isso.

«Agora, querida, fecha os olhos outra vez para eu ter coragem. — Êle não disse mais nada, mas os seus braços enlaçaram-me, apertaram-me tanto que senti o bater do seu coração, e os seus lábios juntaram-se aos meus, muito docemente, enquanto um raio de sol, lindo como nunca vi, nos alagava de luz e felicidade. Aquele beijo queria dizer: amo-te, por tôda a vida... Eu **ouvi**, avòzinha, porque respondi, sem ter pressa de desfazer o abraço:

— Também eu, Roger, por tôda a vida...

A avó não se pôde conter:

— Era melhor que êle tivesse usado palavras e deixasse o beijo para depois. Começo a crer que êle também tem alguma avó mestiça...

— Se soubesse como foi bom! Ficámos noivos... Êle vai ser meu... por tôda a vida. Era o que eu vinha dizer-te, avòzinha... Nunca pensei que um beijo fôsse tão eloqüente, vale bem mais que as palavras, e depois, é música, é harmonia, é alma... Se soubesses...

A senhora de Ferney olhou fixamente a garota ajoelhada a seus pés, o rosto lindo iluminado de esperança, e pediu:

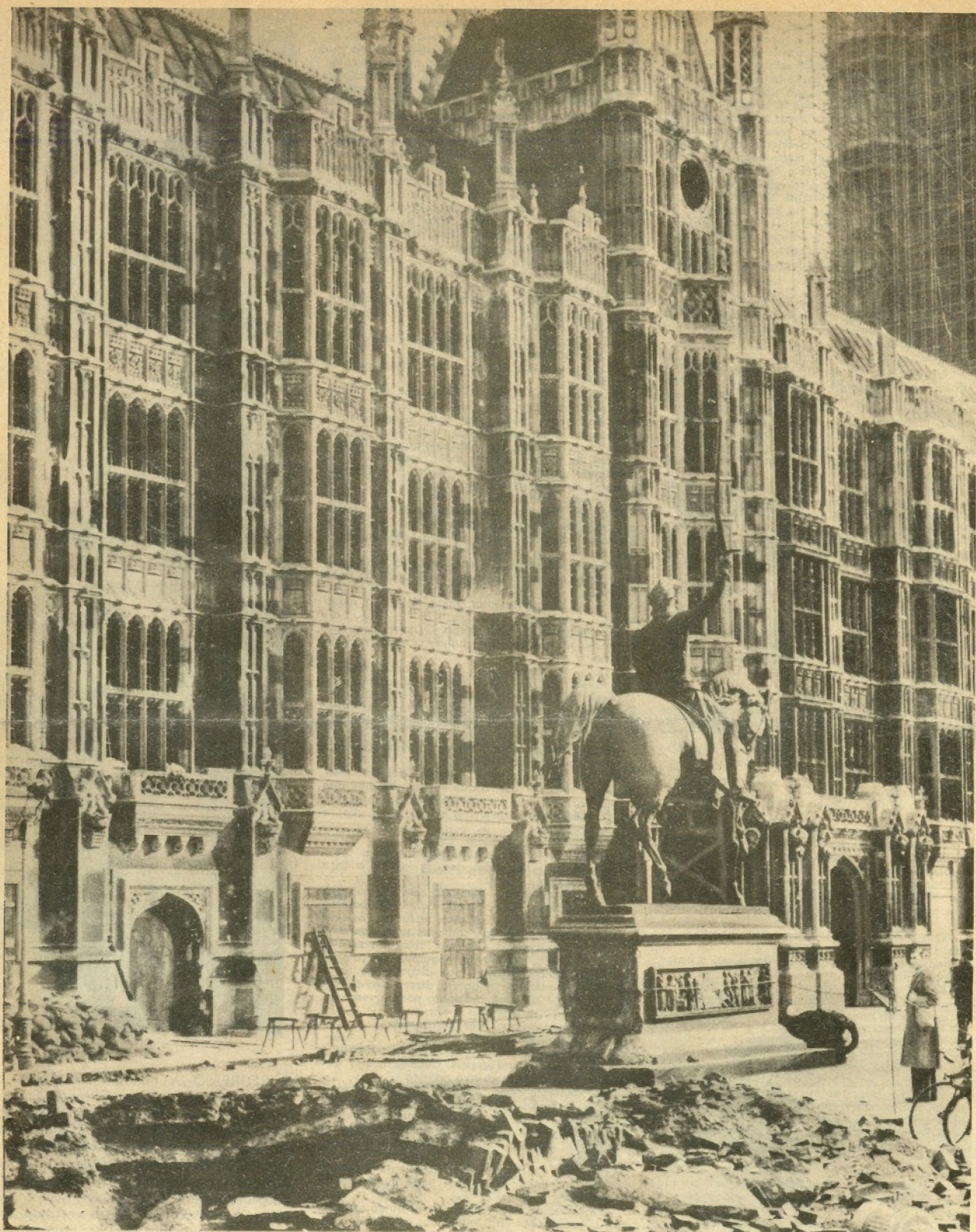
— Fecha agora tu os olhos que eu quero também dizer-te uma coisa. Há muitos anos, muitos... teu avô falou-me de amor pelo mesmo processo. O progresso ainda não entrou nestas coisas do coração... Ouvia-te falar do Roger e via-o a Êle... A única diferença é que o nosso beijo foi trocado... ao luar.

MARY LOVE

NO PRÓXIMO NÚMERO:

UM NEGÓCIO DE PEGAR OU LARGAR

CONTO POR **MÁRIO DOMINGUES**

O REGRESSO À NATUREZA é um dos objectivos do Sunshine Climate Clube — agremiação do Arizona americano que está a desenvolver uma campanha naturista e optimista entre os seus associados. As pessoas serão mais felizes — segundo pretendem os dirigentes daquele Clube — se se adaptarem perfeitamente ao meio em que vivem, comendo, bebendo e vestindo-se do que a sua região lhes dá. Para amostra, uma filiada do Sunshine Climate apresenta êste curioso modêlo de praia feito em cactos do deserto do sudoeste americano, a que ela encontra, ao que parece um grande encanto. Custa-nos a acreditar, no entanto, que lhe sejam possíveis, com tal indumentária, os mais simples movimentos — como êsse, tão singelo, de se sentar na areia...

BOMBAS sobre Londres

DESDE O VERÃO DO ANO PASSADO que a capital inglêsa está sob a ameaça da aviação alemã. Dias e noites, continuamente, os bombardeiros germânicos levantam vôo dos aeródromos do litoral, vencem, em pouco mais de meia hora, o espaço que separa a Europa continental das ilhas britânicas e largam a sua carga explosiva sôbre os objectivos que lhe são determinados. É conhecida e apreciada a capacidade de resistência da população inglêsa, mòrmente do povo de Londres, que mais tem sido pôsto à prova. Calcula-se também o potencial de defesa da Inglaterra contra os ataques aéreos. A verdade, porém, é que a capital do Império tem sofrido prejuízos incalculáveis e, infelizmente, muitas das suas obras de arte têm sido vítimas da guerra. Reproduzimos uma fotografia recente da fachada do majestoso edifício do Parlamento inglês. Interiormente, foi já atingido por bombas, várias vezes. Não há, nas janelas, um vidro inteiro. No largo fronteiro, cavam-se crateras. Mas a estátua do grande Ricardo «Coração de Leão» não sofreu mais que uns leves estragos no pedestal. A espada do «Temerário» entortou-se, mas não se partiu.